

**ANA PAULA REINBOLD**

**PRINCIPAIS FACILITADORES E BARREIRAS PARA A PARTICIPAÇÃO DE  
CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO PROJETO ESPORTE EM AÇÃO, NÚCLEO  
VILA TORRES EM CURITIBA - PR**

Monografia apresentada como requisito parcial  
para conclusão do Curso de Licenciatura em  
Educação Física, do Departamento de Educação  
Física, Setor de Ciências Biológicas, da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Doralice Lange de Souza

**CURITIBA  
2009**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por sempre iluminar meus caminhos e colocar em minha vida pessoas tão maravilhosas.

Agradeço a minha mãe, Leonia, por ser sempre meu porto seguro e por me incentivar a seguir em frente.

Agradeço as minhas irmãs, Karina e Ana, por todo o apoio, suporte, amizade, amor, carinho e compreensão.

Agradeço ao meu namorado, Willian, por todo amor, companheirismo, ajuda, carinho, compreensão, risadas e, principalmente, por toda alegria que trouxe à minha vida.

Agradeço aos meus amigos por todos os momentos de descontração e por todas as coisas boas que acrescentaram à minha graduação e à minha vida.

Agradeço aos meus colegas do Licenciatura pela companhia e pela ajuda durante o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora, professora Doralice, pela simpatia, paciência e motivação durante a conclusão deste trabalho.

Agradeço aos membros banca avaliadora pela atenção e tempo disponibilizado para a avaliação deste trabalho.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
1.1 Objetivo Geral.....	9
1.2 Objetivos Específicos.....	11
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>10</b>
2.1 O surgimento de ONGS e a participação de ex-atletas.....	10
2.2 Perspectivas sobre o esporte em projetos sociais .....	13
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>17</b>
<b>4 PESQUISA DE CAMPO</b> .....	<b>19</b>
4.1 Instituto Compartilhar .....	19
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	<b>21</b>
5.1 Facilitadores e/ou barreiras .....	21
5.2 Facilitadores .....	30
5.3 Barreiras .....	39
5.4 Sugestões por parte dos entrevistados .....	48
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>53</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>57</b>

## RESUMO

O presente trabalho, parte de uma pesquisa maior desenvolvida por um projeto vinculado ao Programa Licenciatura/UFPR, teve como objetivo explorar, a partir de uma pesquisa qualitativa, os principais fatores que facilitam e/ou dificultam a implementação do Projeto Esporte em Ação, do Núcleo Vila Torres na cidade de Curitiba, bem como os fatores que influenciam na participação de crianças e adolescentes no mesmo, a partir da perspectiva dos agentes que trabalham no Projeto. Para a coleta de dados, primeiramente, foram realizadas observações no campo e análise dos dados contidos no site do Projeto, onde buscamos conhecer o funcionamento do mesmo. Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com 13 agentes que trabalham no Projeto, sendo eles duas professoras de vôlei, uma professora de futebol de areia, um professor de capoeira, uma psicóloga e o gerente executivo do Instituto Compartilhar. Foram realizadas ainda, entrevistas com seis educadores sociais e uma auxiliar de serviços gerais e mãe de um participante, que atuam no projeto através da FAS, Fundação de Ação Social da Prefeitura de Curitiba. A análise de dados foi feita a partir da perspectiva teórica da pesquisa interpretativa. Ou seja, foram enfocados os principais temas que emergiram das falas dos entrevistados. Os principais facilitadores para a implementação do Projeto e participação das crianças no mesmo são: o vínculo afetivo estabelecido entre profissionais, crianças e adolescentes; o gosto dos profissionais pelo trabalho desenvolvido e o senso de identificação que os mesmos têm com o seu trabalho; a percepção do Projeto como um espaço relativamente seguro em relação às ruas e como um espaço de diversão, de educação e de sociabilização das crianças; a bolsa auxílio; a proximidade do Projeto em relação ao local de moradia das crianças; o lanche; o gosto pelo projeto e as atividades que as crianças mais gostam. As principais barreiras são: a realidade do dia a dia das crianças e a dimensão dos problemas que elas e suas famílias enfrentam; as disputas de poder entre as gangues da Vila e os conflitos causados por estas disputas; a falta de experiência por parte dos profissionais em projetos sociais; a rotatividade de profissionais; o número de faltas por parte das crianças; a obrigatoriedade de algumas atividades e de atividades que as crianças não gostam; o clima frio e chuvoso; e, por fim, a participação em outros projetos e obrigações domésticas. Alguns fatores aparecem ora como facilitadores e ora como barreiras para a implementação do Projeto e para a participação das crianças no mesmo, dependendo do ponto de vista dos entrevistados: envolvimento (ou falta de envolvimento) dos pais no Projeto; contato (ou falta de contato) entre os profissionais e os pais; comportamento (adequado ou não) das crianças e adolescentes; consistência (ou não) no trabalho desenvolvido pelos diferentes parceiros; estrutura e apoio (ou falta de estrutura e apoio) para o desenvolvimento do trabalho. Mais estudos sobre projetos sócio-esportivos são necessários no sentido de se gerar subsídios para o desenvolvimento de estratégias que minimizem as barreiras e potencializem os facilitadores para a implementação dos mesmos e para a participação do(s) público(s) alvo em suas atividades.

## 1.INTRODUÇÃO

Tendo em vista que grande parte da população mundial vive em um contexto capitalista, é fácil percebermos que várias, se não todas, as situações de nosso cotidiano são voltadas para o lucro. Também não é difícil perceber que o mercado de trabalho está saturado em, praticamente, todas as áreas, não existe emprego para todos, o que, dentre vários outros aspectos, acaba contribuindo para com uma desigualdade social muito grande. Diante dessa realidade, percebemos que o Estado acaba se isentando de prover certos direitos à população o que, dentre outros fatores, pode levar muitas famílias a viver em situação degradante, sem renda, e acabar à margem dos direitos reservados a todos os cidadãos brasileiros, como moradia, saúde, educação e lazer, entre tantos outros.

A Constituição Federal reserva a todos os cidadãos os mesmos direitos, e o Estatuto da Criança e do Adolescente prevê no Artigo 3º do Título I que:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Tais direitos muitas vezes não atingem grande parcela da população, e a partir desse quadro surgiu o terceiro setor que, é a execução das políticas públicas sociais através de parcerias com a sociedade civil (MARTINS E MELO, 2004). Dentro do terceiro setor algumas instituições surgiram com o intuito de suprir as carências apresentadas pelas populações menos favorecidas. Essas instituições, sem fins lucrativos e que prestam serviços de caráter social, são denominadas Organizações Não-Governamentais (ONGs). Conforme aponta Martines (2009, p. 19), as ONGs:

podem ser definidas como instituições criadas para desenvolver ações e realizar serviços voltados ao interesse público, com perfis e perspectivas de atuação nas mais diversas áreas, que declaram trabalhar em prol da cidadania, do respeito aos direitos humanos e do desenvolvimento social.

De acordo com Silveira (2007), as ONGs ganharam força e maior evidência no Brasil nas décadas de 60 e 70 devido a uma maior abertura política. Nos últimos anos com um pensamento político voltado ao neoliberalismo, as ONGs acabaram assumindo um papel assistencialista. Com esse caráter, diversos projetos sociais foram criados, sobretudo destinados a assistir crianças e jovens em situação de exclusão social<sup>1</sup>. Para MARTINES (2009), os governos têm buscado uma maior aproximação das ONGs por acreditarem que a formação dessas parcerias podem ampliar as suas ações na sociedade.

São variadas as áreas de atuação das ONGs como meio ambiente, política, saúde, educação, entre outras. Muitas ONGs que trabalham com a educação se utilizam do esporte como ferramenta para repassar valores, significados e desenvolvimento social em suas atividades (MARTINES, 2005). O esporte para elas também serve uma forma de atrair crianças e jovens por envolver práticas corporais e possuir capacidade de socialização e inclusão social (GUEDES *et al.*, 2006). Os projetos sociais que envolvem o esporte como objeto de trabalho na perspectiva de promover o desenvolvimento social são chamados de “sócio-esportivos” (MARTINES, 2005)

A partir da literatura identificamos que o esporte pode assumir diferentes significados dependendo do discurso e dos objetivos de cada projeto. Ele pode ser encarado, por exemplo, como uma maneira de tirar das ruas (MENDES *et al.*, 2007; SILVEIRA, 2007; VARGAS, 2007;), ocupação do tempo livre (GUEDES *et al.*, 2006; MELO, 2007; MENDES *et al.*, 2007), preparação para a vida (VARGAS, 2007), salvação de mazelas sociais (MELO, 2007; SILVEIRA, 2007), ferramenta de educação (MARTINES, 2005; VARGAS, 2007).

O termo “esporte social” vem sendo utilizado “para indicar ações sociais privadas, ou mesmo políticas públicas, por meio das quais jovens e crianças pobres poderiam praticar esporte graças às ações “caridosas” e filantrópicas do capital.” (MELO, 2007, p. 55).

---

<sup>1</sup> Segundo Vargas (2007, p.10), a exclusão social “pode ser encarada como um processo que coloca a pessoa à margem da sociedade, ocorrendo à perda de cidadania devido a uma série de privações”.

Tendo em vista a crescente proliferação de projetos sociais, sobretudo de projetos sócio esportivos, e considerando que grande parte desses projetos são destinados à crianças e jovens em situação de desigualdade social, é de fundamental importância a realização de estudos acerca do desenvolvimento de tais projetos.

São vários os projetos sociais desenvolvidos em Curitiba. Dentre eles, encontra-se o Projeto Esporte em Ação, que faz parte do Instituto Compartilhar. Este foi criado pelo Instituto e tem como objetivo principal a interiorização de valores através do esporte. Ele acontece no Rio de Janeiro desde 2007, onde o Projeto é vinculado a uma escola, e em Curitiba desde 2005 onde está vinculado ao Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), e realiza suas atividades em conjunto com o mesmo.

É visando a melhoria do Projeto e a minimização de fatores que possam dificultar, tanto no que diz respeito a participação de crianças e jovens no EA como na implementação do mesmo, o objetivo da pesquisa que será aqui apresentada foi o de identificar, a partir da perspectiva dos agentes que trabalham no Projeto, os principais facilitadores e barreiras para a implementação do Projeto, bem como para a participação de crianças e adolescentes no mesmo. Considerando a relevância de projetos que envolvem o esporte para crianças e jovens, principalmente aqueles de classes sociais menos favorecidas, este trabalho oferece alguns subsídios que podem contribuir para com a melhoria do Projeto Esporte em Ação e de outros projetos similares, bem como para o desenvolvimento de outros projetos - públicos e privados - que pretendam se utilizar de uma perspectiva semelhante de trabalho. No campo acadêmico, pesquisas como esta, podem servir de apoio e/ou comparação para outros trabalhos realizados a partir deste tema.

Faz-se importante ressaltar que este trabalho é parte de um projeto de pesquisa maior, desenvolvido com o apoio do Programa LICENCIAR/UFPR e Programa de Iniciação Científica, sob a orientação da professora Doralice Lange de Souza, e contou com a colaboração dos acadêmicos Mariana Martins e Willian Hey Alexandre da Silva, que são bolsistas pelo Programa Licenciar e também de Andréa Vialich, bolsista do Programa de Iniciação Científica da UFPR.

## 1.1 Objetivo Geral

Identificar, a partir da perspectiva de agentes que trabalham no Projeto “Esporte em Ação” - núcleo Vila Torres - os principais facilitadores e barreiras para a implementação deste Projeto e para a participação de crianças e adolescentes no mesmo,

## 1.2 Objetivos Específicos

- Descrever o funcionamento do Projeto;
- Identificar, a partir da perspectiva da coordenação do EA os principais facilitadores e barreiras para a implementação do Projeto e para a participação de crianças e adolescentes no mesmo;
- Levantar, a partir da perspectiva dos profissionais que atuam no EA, os principais facilitadores e barreiras para a implementação do Projeto e para a participação de crianças e adolescentes no mesmo;
- Explorar, a partir da perspectiva da psicóloga do EA os principais facilitadores e barreiras para a implementação do Projeto e para a participação de crianças e adolescentes no mesmo;
- Identificar, a partir da perspectiva dos educadores sociais os principais facilitadores e barreiras para a implementação do EA e para a participação de crianças e adolescentes no mesmo;

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 O surgimento de ONGS e a participação de ex-atletas

As ONGs surgiram com esse nome na América do Norte em meados da década de 1970, onde grupos de pessoas buscavam atender as carências da comunidade nas quais as políticas estatais não chegavam. Esses grupos copiavam os modelos europeus de filantropia, como a Cruz Vermelha e as organizações missionárias e religiosas (MARTINES, 2009, p. 76).

O termo ONG foi utilizado pela ONU, no período pós-guerra, nos anos 1950. Essas instituições não pertenciam ao mercado nem ao Estado e, apesar de terem surgido há bastante tempo, as ONG só tiveram sua expansão e visibilidade no final do século XX, principalmente através da mídia (SILVEIRA, 2007).

Na América Latina, as ONGs ganharam força nos anos de 60 e 70. No Brasil, neste mesmo período, se constituíram historicamente a partir de instituições religiosas, militâncias políticas e membros de universidades. Elas tinham, portanto, um perfil mais voltado à política. Com o fim do regime ditatorial, as ONGs encontraram no Governo não mais um inimigo como antes, mas um aliado para suas causas e passaram a ter um caráter mais assistencialista e voltado para ações sociais. (SILVEIRA, 2007).

Martines (2009), em sua dissertação de mestrado que discutiu as relações estabelecidas entre o Governo Estadual do Paraná e Organizações Não Governamentais que buscam trabalhar com o esporte, aponta que existe uma gama de discussões possível de ser feita quando falamos sobre ONGs. De acordo com a autora, os governos passam a firmar parcerias com ONGs e instituições privadas com a intenção de poder ampliar a oferta de determinadas ações para a população, como o esporte. Essas parcerias acabam sendo importantes para ambos os lados, uma vez que, para o governo, se faz importante promover diversificadas ações, sobretudo para populações mais pobres. Para as ONGs, a parceria com o poder público oferece um campo de atuação podendo contar com estruturas e recursos já disponíveis. Tais parcerias são interessantes para ambos os lados, pois geram resultados e visibilidade.

Várias ONGS são criadas por atletas, que normalmente têm uma vida profissional relativamente curta em comparação a outras carreiras. Por exemplo, no futebol, são poucos os atletas que permanecem dentro dos gramados como jogadores depois dos 35 anos de idade. Após a aposentadoria do esporte, muitos deles tentam permanecer na vida esportiva como treinadores, preparadores físicos e técnicos. No caso do futebol, muitos atletas depois que se aposentam, tentam seguir a carreira de empresários, procurando novos talentos em categorias de base de pequenos clubes. Este último é mais restrito no sentido de que poucos ex-atletas de futebol obtiveram sucesso suficiente na carreira a ponto de conseguirem investir grandes quantias em dinheiro em jogadores que estão começando (RIBEIRO, 2004).

Ainda partindo do estudo de Ribeiro (2004), esse período pós-carreira esportiva pode gerar algumas complicações para esses ex-atletas, que vão desde financeiras, sociais e até mesmo psicológicas, principalmente em atletas que alcançaram grande prestígio no âmbito nacional e internacional, e que acabam “dependendo” de vínculos com a mídia. Viver um período de esquecimento público pode ser prejudicial a ex-atletas que gostariam de seguir com sua imagem como fonte de renda.

A criação de instituições por alguns ex-atletas que ofereçam o esporte a crianças e adolescentes de camadas menos favorecidas economicamente da população tem se constituído em ação de destaque no Brasil. Ex-atletas famosos e jogadores que estão quase no final da carreira têm promovido a implementação de projetos esportivos que aliam o esporte com a educação, com um caráter social bastante grande em suas atividades (RIBEIRO, 2004). Essa constatação é comprovada ao avaliarmos a quantidade de projetos sociais vinculados a imagem de atletas esportivos (como Raí, Bebeto, Jorginho, Dunga, Guga, Gustavo Borges, Bernardinho, entre diversos outros).

Não é a toa que esse campo tem crescido tanto nos últimos anos. Além ser uma fonte de renda para a sobrevivência do ex-atleta, este pode manter a sua imagem pública através da mídia e tem a chance de descobrir em seu projeto talentos esportivos que pode talvez empresariar no futuro.

Existe outro lado desses projetos vinculados a ex-atletas. Alguns, provindos de situações sociais mais difíceis criam projetos em suas comunidades para tentar “devolver” à sociedade um pouco do que conseguiram como atletas. É como um

retorno que dão à comunidade onde viveram, oportunizando à crianças e jovens práticas esportivas e educacionais, como a oportunidade que tiveram no início de suas carreiras. Para alguns desses atletas, esse objetivo perpassa qualquer intenção de obter imagem pública ou mais uma fonte de renda (RIBEIRO, 2004).

Uma característica comum a projetos de ex-atletas é que muitas crianças vinculadas aos mesmos criam uma idéia de “herói esportivo”. Eles vêem no atleta, cuja imagem é estampada na bandeira do projeto, a figura de um herói nacional, um campeão mundial, um campeão olímpico. Muitos acabam se motivando e tendo como exemplo de vida, seguindo os passos do atleta herói que é aquele que tem em sua história de vida um caminho difícil, que veio da pobreza e com muita luta conseguiu subir na vida (RIBEIRO, 2004).

Essa característica do atleta herói é uma grande vantagem que esses ex-atletas têm em relação a qualquer outro profissional que queira implementar um projeto esportivo, como por exemplo um profissional de educação física. Por ter essa imagem pública mais evidente, os projetos esportivos conduzidos por ex-atletas conseguem maior destaque, divulgação e procura por parte de participantes e também tendem a receber mais recursos.

O Instituto Compartilhar, objeto de nosso estudo, é um exemplo de ONG criada por um ex-atleta. Ele foi idealizado por Bernardo Rezende, o Bernardinho. O Instituto possui um leque de projetos que desenvolve em todo o Brasil. Neste trabalho optamos por investigar o Projeto Esporte em Ação que acontece na cidade de Curitiba, no Paraná. O Projeto acontece na Praça Plínio Tourinho em conjunto com atividades desenvolvidas pela Prefeitura da cidade, através da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL) e Fundação de Ação Social (FAS), e faz parte das ações do Programa PETI em Curitiba.

## 2.2 Perspectivas sobre o esporte em projetos sociais

De acordo com Guedes *et al.* (2006), muitos projetos sociais utilizam o esporte por ser este atrativo para crianças e jovens, ao mesmo tempo em que veicula regras de convivência e promove o controle do tempo livre. Na perspectiva desse autor, o esporte tem assumido uma “missão civilizatória” dentro de tais projetos, uma vez que o mesmo se utiliza de regras que podem ser aplicadas na sociedade.

Já para Zaluar (1994), o esporte pode ser atrativo por ter características que promovem a liberdade, uma vez que a participação no esporte, quando fora da escola, tem caráter voluntário. Segundo a autora, esse caráter voluntário na participação em projetos desse cunho, diferentemente da escola, associa ao esporte alegria e liberdade, pode gerar ao participante diversas possibilidades, entre elas a profissionalização, que pode servir como representação social, no sentido de que o indivíduo consegue se destacar diante da sociedade, além de ser prazeroso e saudável.

Existe um campo de disputa entre os autores que discutem o significado do esporte dentro dos projetos sócio educativos.

Silveira (2007) aponta alguns questionamentos, com base em autores como Linhales (1997) e Pires (2004), relacionados à visão neoliberal que está em voga nos últimos anos e também ao fato de projetos sociais estarem cada vez mais vinculando o esporte em suas atividades como que com o objetivo de realizar ações compensatórias na sociedade e afirma que “pode-se dizer que ao esporte parece restar a função de substituto das demais políticas sociais, numa perspectiva de salvacionismo” (SILVEIRA, 2007, p.116), como se o esporte fosse uma saída e camuflasse os problemas sociais, como a exposição da juventude à criminalidade, por exemplo.

Segundo Melo (2007) é possível percebermos que existe uma relação entre o envolvimento com o crime e “não ter outras coisas a fazer e pensar” (p. 58) e que claramente traçamos uma suposta ligação entre não ter opções de lazer e o ingresso na criminalidade. Nessa perspectiva, para o autor, o esporte e o lazer entram como um tipo de remédio para inibir essas práticas, sempre na visão de controle social. Esta suposição muitas vezes é encontrada como uma afirmação na fala de mães

dos sujeitos que freqüentam projetos de cunho esportivo, mostrando que o “tirar da rua” é sim um fator importante para a permanência das crianças no projeto. Nessa idéia de salvacionismo, Melo (2007) aponta que, em muitos casos, o esporte é utilizado como uma maneira de disfarçar os problemas sociais. Partindo dessa idéia de esporte como salvação, Silveira (2007) e Melo (2007) argumentam que o esporte tem sido utilizado como uma forte ferramenta para ocupar o tempo livre, tirar jovens e crianças das ruas, afastá-las da criminalidade e das drogas, além de servir como uma alternativa à violência, já que o esporte pode promover um certo disciplinamento pela sua utilização de regras. Segundo esses autores, o esporte tem sido usado como um “redentor da juventude pobre” (MELO, 2007, p. 57), que pode promover a aquisição de valores e regras visados pela sociedade.

Tanto Melo(2007) quanto Silveira (2007) questionam a efetividade dessa visão do esporte como capaz de “salvar”. Silveira, por exemplo, afirma que:

Poderíamos nos perguntar: quais as motivações que levam as crianças e jovens a aderirem ao mundo do crime? Se as respostas apontassem hipoteticamente, por exemplo, para a carência de bens materiais, a falta de educação, falta de oportunidades no mercado de trabalho, possibilidade de ascensão social; será que a prática esportiva contribuiria efetivamente para a solução de tais carências? Certamente que não.

Mesmo sendo o esporte dentro de uma visão salvacionista alvo de críticas, este tem os seus benefícios. Mendes *et al.* (2007) desenvolveu uma pesquisa de cunho qualitativo que teve como objetivo analisar o Programa Segundo Tempo da cidade de Pelotas. Esta pesquisadora entrevistou os pais dos participantes e analisou documentos do Programa e concluiu que muitos pais lamentaram o término do mesmo, pois este era uma forma de ocupar o tempo livre das crianças e de tirá-las das ruas. Para algumas mães que participaram da pesquisa, as atividades escolares juntamente com as atividades do Programa Segundo Tempo eram uma opção para a ocupação de tempo livre dessas crianças e a importancia de se ocupar esse tempo livre era a de que sem ter esse tempo ocioso as crianças ficariam impedidas de “ficar na rua ou cometer pequenos atos de violência” (p. 4-5), ou seja, a prática esportiva pode ser uma ferramenta importante para afastar as crianças das drogas e de pequenos delitos (MENDES *et al.*, 2007).

Para outros autores, como Vargas (2007), que fez um estudo etnográfico sobre o projeto Esporte Clube Cidadão, o esporte pode ser uma ferramenta para o desenvolvimento integral da criança e do adolescente, ou seja, ele “pode cumprir seus objetivos na construção das relações sociais, dos valores e da afirmação positiva de sua identidade” (p.111). Nessa perspectiva, o esporte é capaz de oferecer oportunidades para uso do raciocínio e das habilidades de modo que a criança e o adolescente possam transferir esse aprendizado para o seu cotidiano. Em seus dados de pesquisa, Vargas (2007) concluiu que para os participantes de seu estudo o esporte é um “importante mecanismo de descontração, diversão e desenvolvimento pessoal, propiciando interação e aumento de autonomia através das escolhas das atividades entre os participantes, além de ampliar vínculos sociais” (p. 111).

Outra conclusão da pesquisa de Vargas (2007) é que na perspectiva dos pais o projeto representa uma boa alternativa para a formação educacional e de caráter das crianças participantes do projeto. Esta conclusão foi também obtida na pesquisa de Marques e Krug (2008) que realizaram um estudo para identificar as contribuições do Programa Segundo Tempo para alunos de uma escola estadual na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. A pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada com 10 alunos de uma escola local que participavam das atividades oferecidas pelo Programa.

Nessa linha de esporte como educação, Martines (2005) aponta que por apresentar aspectos positivos como a possibilidade de vivências diversificadas pelas quais as crianças aprendem e compreendem valores que podem ser reproduzidos no seu dia a dia, o esporte em muitos projetos se é utilizado como ferramenta educacional.

Autores como Silveira (2007), Martins; Melo (2004) Mendes *et al.* (2007) entram em consenso no que diz respeito a outro significado que o esporte pode assumir em projetos sócio esportivos, que é a possibilidade de promover a ascensão social.

Segundo Silveira (2007) o esporte acaba criando em jovens o sonho e a ilusão de um passaporte para a ascensão social e estabilidade financeira. Para Martins e Melo (2004), a promoção do esporte, em alguns desses projetos, continua tendo o objetivo de descoberta de talentos, assim como ainda acontece em muitas

escolas. Com a concepção de pirâmide esportiva, com a qual se busca selecionar os melhores em cada modalidade, alguns projetos sócio esportivos acabam legitimando-se no esporte de alto rendimento. (MARTINS; MELO, 2004).

Tal concepção de esporte se confirma na pesquisa de Mendes et al (2007) já citada anteriormente. Para pais entrevistados nesta pesquisa surge a expectativa de que seus filhos, ao realizarem uma atividade esportiva, acabem se destacando, possam se profissionalizar e, conseqüentemente, melhorar sua condição de vida e também de sua família.

Como podemos perceber de acordo com alguns autores (GUEDES *et al.*, 2006; ZALUAR, 1994), o esporte é considerado como um atrativo para crianças e adolescentes e alguns projetos se utilizam dessa característica. Para Thomassim (2009), no entanto, não devemos reduzir nossa compreensão achando que crianças e jovens escolhem o esporte simplesmente por sua característica atrativa e funcional. Necessitamos levar em consideração as preferências e significados que o esporte representa para cada pessoa e o que realmente aproxima as mesmas do esporte.

De acordo com Thomassim (2009), o esporte em alguns projetos sócio esportivos pode tomar um significado educacional, uma vez que se remete ao esporte aspectos positivos como educação moral, por exemplo. A crítica que o autor faz a essa visão é de que em muitos casos vincula-se ao esporte à socialização das crianças partindo-se do pressuposto de que a socialização seria apenas “o aprendizado de normas sociais consideradas positivas” (p. 7).

Em consonância com Thomassim (2009), acreditamos que o esporte pode possibilitar vivências e valores para a vida, mas que também se faz necessário que não se atribua ao esporte características positivas ou negativas, mas sim que esses significados sejam observados a partir da perspectiva dos praticantes e freqüentadores dos projetos e que esses sejam considerados na construção de novas políticas públicas esportivas e na elaboração de novos programas.

### 3. METODOLOGIA

Conforme já dissemos anteriormente, esta pesquisa é parte de um projeto maior desenvolvido por alunos envolvidos com o programa Licenciar e com Iniciação Científica, sob a orientação da Professora Doutora Doralice Lange de Souza. Portanto, esta pesquisa contou com a colaboração de outros alunos para a coleta e análise de dados.

A pesquisa foi de natureza qualitativa e de cunho exploratório. A coleta de dados foi feita da seguinte forma: Inicialmente, houve a análise das informações contidas no site do projeto e também a observação no campo, onde buscamos conhecer o funcionamento do mesmo. Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas com os agentes do projeto, sendo eles: duas professoras de vôlei, uma professora de futebol de areia, um professor de capoeira, uma psicóloga e o gerente executivo do Instituto Compartilhar. Foram realizadas ainda, entrevistas com seis educadores sociais e uma auxiliar de serviços gerais e mãe de um participante, que atuam no projeto através da FAS, Fundação de Ação Social da Prefeitura de Curitiba.

As entrevistas foram realizadas com base em um roteiro semi-estruturado com questões abertas e duraram em torno de trinta minutos (verificar anexos 1, 2, 3 e 4). Foram realizadas também várias entrevistas abertas para esclarecer questões que foram emergindo durante a coleta de dados. Todas as entrevistas foram transcritas na íntegra para garantir a qualidade dos dados para a análise.

A análise dos dados foi feita a partir da perspectiva interpretativa (GEERTZ, 1989), baseada nos temas mais importantes que emergiram a partir das falas dos sujeitos entrevistados, sem maiores interpolações com a literatura em um primeiro momento. Em um primeiro momento, cada uma das entrevistas foi analisada, identificando-se os temas mais importantes que surgiram das falas de cada um dos sujeitos do estudo, agrupando-os em categorias. Em um segundo momento, os dados foram cruzados, comparando os temas que surgiram a partir das falas de todos os sujeitos, buscando as similaridades e diferenças existentes entre os mesmos. Através deste procedimento, buscou-se criar novas categorias—categorias mais abrangentes—para agrupar temas compatíveis. Na medida em que isto foi

sendo feito, tais categorias foram alocadas dentro de três categorias maiores: “facilitador ou barreira dependendo do ponto de vista dos entrevistados”, “facilitadores” e “barreiras”.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná (parecer número: CEP/SD: 697.032.09.05 - CAAE: 0012.0.091.000-09). Todos os participantes assinaram os termos de Consentimento Livre e Esclarecido (verificar anexos 5 e 6) . Para garantir o anonimato dos sujeitos do estudo, os nomes que serão utilizados no decorrer deste trabalho são fictícios.

## 4. PESQUISA DE CAMPO

### 4.1 Instituto Compartilhar

O Instituto Compartilhar, instituição sem fins lucrativos, foi idealizado por Bernardo Rezende, o técnico da seleção Brasileira Masculina de Vôlei Bernardinho. O Instituto nasceu em 2003 e tem como base o Programa Sócio esportivo que é um leque de projetos que são desenvolvidos pela instituição. A principal ferramenta do Instituto é o esporte, que é utilizado como meio de aquisição de valores, resgate da auto-estima e socialização. O Instituto parte do pressuposto de que através do esporte é possível melhorar a qualidade de vida e favorecer o desenvolvimento humano e o desenvolvimento da igualdade de oportunidades para todos. (Instituto Compartilhar)

De acordo com os dados publicados no site do Projeto, atualmente o Instituto atende aproximadamente 5.000 crianças e adolescentes em 29 cidades de cinco diferentes estados brasileiros. Todos os projetos realizados pelo Instituto têm em comum a utilização de uma metodologia diferenciada do ensino de Voleibol, o Mini Vôlei, além de parcerias com os setores público e privado e o atendimento preferencial à estudantes de escolas públicas.

O Instituto possui ainda um Programa Educacional que são vários projetos educacionais que servem de apoio às ações sócio esportivas do Instituto. Projetos como o Programa Escolha Certa, que visa a melhoria a qualidade de vida de crianças e adolescentes através de iniciativas educacionais e preventivas aliadas ao esporte, o “Programa Gibi Compartilhar é...” que foi uma iniciativa do Instituto de criar materiais complementares que são utilizados nos projetos sócio esportivos, e também o Programa Clínicas IC que é voltado a metodologia do Mini Vôlei, onde são realizadas capacitações envolvendo aulas práticas e teóricas sobre esta metodologia, abertas a todos os interessados a aprender os conceitos do Mini Vôlei.

O Instituto desenvolve quatro projetos sócio esportivos: O Projeto Esporte Cidadão Unilever que, em conjunto com a empresa Unilever, atende cerca de 1.200 crianças na cidade de Curitiba e visa “transformar a vida de crianças e jovens de baixa renda, dando-lhes oportunidades e buscando a inclusão e equidade social por meio do esporte.”(Instituto Compartilhar); O Projeto Vôlei em Rede, que é uma

unificação de todos os núcleos de iniciação ao vôlei mantidos pelo Instituto Compartilhar; O Projeto Super Ação que é uma parceria com outra instituição, a Fábrica de Integração de Talentos(FIT) e funciona no Rio de Janeiro, onde oferece aulas gratuitas de vôlei, inglês e informática; e o Projeto Esporte em Ação que atende crianças e adolescentes e oferece a eles oportunidade de práticas esportivas variadas além do vôlei, como o futebol de areia e a capoeira.

O Programa Esporte em Ação tem dois núcleos, um no Forte do Leme, no Rio de Janeiro, e outro na Vila Torres, em Curitiba. O Núcleo de Curitiba está localizado na Praça Plínio Tourinho. Este núcleo conta com parcerias principalmente com a Fundação de Ação Social (FAS) e a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL) da Prefeitura de Curitiba, e também alguns parceiros que desenvolvem ações mais pontuais. Segundo os dados publicados no site do Instituto Compartilhar, o Projeto atende cerca de 160 crianças e adolescentes de baixa renda, entre 8 e 15 anos, residentes na comunidade Vila Torres, em Curitiba e que fazem parte do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil(PETI).

O Projeto, em parceria com a Prefeitura Municipal de Curitiba através da Fundação da Ação Social (FAS) e da Secretaria Municipal do Lazer (SMEL), oferece atividades em período de contra turno escolar. Segundo o site do Projeto as atividades desenvolvidas pelo Instituto Compartilhar são o vôlei, futebol de areia e capoeira. As atividades desenvolvidas pela SMEL são o basquete e o futsal. Já as atividades desenvolvidas pela FAS são o reforço escolar e visitas às casas das crianças na Vila. Além das ações descritas no site do Projeto, a FAS ainda realiza com as crianças algumas atividades de pintura, desenho, recorte e colagem, entre outras coisas que são aplicados pelos educadores sociais. As crianças recebem, ainda, com um lanche oferecido pela FAS que é servido quando as crianças chegam ao projeto e antes de irem embora Existem, também, alguns passeios e atividades complementares de lazer. As crianças são divididas em turmas de acordo com a idade, e as atividades são intercaladas entre as turmas.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao nos depararmos com os dados coletados, percebemos que, de acordo com os profissionais entrevistados, alguns fatores podem ser considerados como facilitadores, outros como barreiras, e ainda outros, como facilitadores e/ou barreiras, dependendo do ponto de vista do entrevistado. A apresentação dos resultados que faremos a seguir será feita da seguinte maneira: primeiramente apresentaremos fatores que foram considerados como “facilitadores e/ou barreiras”, em seguida apresentaremos os “facilitadores”, depois as “barreiras”, e por fim, as sugestões que emergiram durante as entrevistas.

### 5.1 FACILITADORES E/OU BARREIRAS

#### Envolvimento dos pais

Todos os entrevistados comentaram sobre a participação e envolvimento dos pais no Projeto. De acordo com os relatos, alguns pais participam efetivamente do Projeto, freqüentando eventos que envolvem a família e incentivando seu filho a participar das atividades do EA. Já outros pais não se envolvem por diferentes motivos. Um destes, por exemplo, é a falta de tempo.

A maioria dos pais trabalha fora o tempo inteiro, né? E tem filho pequeno, tem um monte de coisa. A maioria é carrinheiro. Então é complicado deles acharem um tempo pra vir pra cá. Até as reuniões que a gente faz, a última que a gente fez, que foi o dia da família, era pra ter cem famílias, tinha trinta. Então eles vêm, só que é um número bem reduzido. (Letícia, IC)

Outro motivo para a falta de envolvimento dos pais é a falta de interesse pelo que acontece com seus filhos.

Eu acho que muitos deles não sabem até o que acontece aqui. Porque muitas vezes a gente manda bilhetinho. Por exemplo, tem passeio. Então a gente tem que mandar bilhetinho pra criança, pra ela mandar pro pai, para ele assinar, pra voltar o bilhete, pra gente poder levar a criança. Então, teve, acho que teve o ano passado essa reunião com os pais que apareceram poucos pais. Aí, uma semana antes eles tinham tido um passeio, e foi perguntado na reunião “Vocês sabem qual foi o último passeio que o seu filho fez?”. Ninguém sabia. Isso, teoricamente, eles deviam saber, porque,

tem que assinar o bilhete que tá escrito que passeio que é, tão autorizando o filho deles a sair daqui, né? E parece que eles não ligam muito. É o que me dá a impressão, muitos deles. (Julia, IC)

Temos pais displicentes, principalmente os que são usuários de drogas, então esse não tão nem aí se a criança vem ou não vem, geralmente vem, mas vem muito mal cuidados, sujus [...]. (Michele, FAS)

Em alguns casos as crianças faltam porque os seus pais nem mesmo as acordam para que possam ir ao Projeto.

Eu acho que o maior problema são aqueles casos que eu disse dos pais que não incentivam, né? Que daí a criança vem quando tá a fim ou de repente vem quando consegue acordar sozinha. Tem criança que só vem quando consegue acordar, aí a gente vai na casa e pergunta: "Por que você não vem pro Projeto?" Daí a criança fala: "Ah, eu não consigo acordar professora". Isso é muito complicado. (Carla, FAS)

Os profissionais tentam fazer o seu melhor para incentivar as famílias a mandarem seus filhos para o Projeto e para engajá-las nas atividades. No entanto, se sentem impotentes para incentivarem os pais a se envolverem com o Projeto e/a se preocuparem com o que acontece com os seus filhos.

Mobilizar as famílias quando as crianças tão faltando, isso a gente faz, só que isso tem um limite, né? A gente não pode entrar dentro da casa daquela família e obrigar aquela criança a vir [...]. Então, a gente tem que respeitar isso né? A mãe estando ciente, o pai ciente, sabendo que eles podem perder o benefício, sabendo que a criança pode tá indo pra rua, que a criança pode tar envolvida com droga e mesmo assim, achar que a criança tem que ficar em casa, a gente não tem muito o que fazer pra mudar isso. (Sabrina, FAS)

Em seu estudo sobre o Projeto Irmão Menor (PIM), Zaluar (1994) também verificou que os profissionais deste Projeto, tal como os do Projeto que investigamos, sentem a ausência da participação dos pais, seja esta ocasionada por falta de tempo ou de interesse.

## Contato com os pais

Os profissionais da FAS possuem contato com os pais. Parte de seu trabalho é o de realizar visitas regulares às famílias das crianças participantes do Projeto para conhecer a sua realidade e auxiliá-las, da melhor forma possível, a superar dificuldades.

Temos um contato constante até, com os pais. Por que, como nós ficamos com eles aqui de segunda a sexta, no sábado nós temos plantão disponível pra gente tar fazendo visita. Então, a gente separa aqueles casos mais urgentes, e no final de semana estar indo atrás dos pais [...]. Pra conhecer também essa família da criança, porque a gente trabalha não só com a criança, né? A partir do momento que a gente ta com cada adolescente, com cada criança, é uma família que vem junto com eles, então é importante estar acompanhando [...]. A gente tem essa abertura de poder conversar com eles, e expor qualquer tipo de problema que a criança esteja passando aqui. (Sabrina, FAS)

Embora a FAS passe informações sobre as famílias e sobre a realidade das crianças para os profissionais do IC, os últimos sentem necessidade de um maior contato com os pais e de um conhecimento mais aprofundado sobre a realidade das crianças. Apesar de seus esforços para atrair os pais para o Projeto, eles ainda não acharam um caminho para estabelecer um contato efetivo com os mesmos, pois este depende de fatores tais como a vontade dos pais para se envolverem, bem como de condições concretas para este envolvimento.

Quem tem assim mais o contato é a FAS né? [...]. Nós é bem difícil. Só, só quando tem algum evento que a gente procura [...]. Eu gostaria até poder ter um acesso maior com os pais, mas a gente não sabe ainda um caminho né? Porque é complicado. (Leticia, IC)

"Vamos fazer com que as famílias participem mais". Mas não depende só da gente. Depende da família também. (Marta, FAS)

É muito difícil porque as famílias estão cada dia mais ocupadas, algumas mais alienadas. Deixam a criança pra que você resolva todos os problemas [...]. A gente faz eventos pra poder tentar atraí-los, mas adesão ainda é muito pequena. (Márcia, IC)

Mesmo cobrando a presença dos pais, os profissionais entendem que muitos trabalham e não têm disposição de participar das reuniões e se envolver com o Projeto. Talvez uma forma de se promover a aproximação dos pais com o Projeto seria a de se promover passeios e atividades especiais com os mesmos e de, durante as reuniões mensais, passar vídeos sobre o dia a dia do Projeto para mostrar e discutir o cotidiano das crianças no mesmo.

### Comportamento

O comportamento das crianças foi classificado ora como facilitador e ora como barreira para o trabalho dos professores e educadores. Durante as entrevistas, ambos reclamaram da dificuldade de lidar com a indisciplina e com a falta de limites das mesmas.

É bem complicado assim, a falta de respeito que eles têm. Melhorou bastante do ano passado pra cá, mas ainda é complicado. Eles não têm limites [...]. É muita falta de respeito [...]. Às vezes me dá a impressão que eles acham que a praça aqui é uma extensão da Vila. Que eles acham que aqui eles vão poder ser do jeito que eles são lá, tipo, não têm limite, chega gritando, chutando! [...] Eles não têm muito dialogo, né? Entre eles falou, eles já tão partindo pra cima e xingando! (Julia, IC)

É uma coisa natural se xingar, se empurrar. O tempo inteiro tão se batendo. Às vezes nem tão brigando, mas tão se batendo [...]. Então essa agressividade deles é bem difícil [...]. Na casa deles é no pau como eles sempre falam. Não tem nenhum controle dos impulsos. E a gente quer ensinar pra eles essa outra opção que tem como dialogar ao invés de brigar, que eles têm como pensar antes de agir. Mas é difícil de fazer. Quando você vê eles já tão lá agarrados, brigando, um já tá chorando. (Adriana, IC)

A dificuldade de lidar com o comportamento das crianças atrapalha no andamento e qualidade das atividades promovidas pelo Projeto, uma vez que os profissionais acabam tendo que se tornar mediadores de conflitos, sentindo dificuldades para dar continuidade às atividades planejadas. Mas se por um lado eles reclamam do comportamento das crianças, por outro, alguns entrevistados dizem perceber melhoras gradativas no comportamento das mesmas, conforme o envolvimento destas com as atividades desenvolvidas no Projeto, e conforme a relação estabelecida com os professores e educadores.

É legal ver assim, o desenvolvimento deles e a mudança de comportamento que alguns apresentam. Então, tem meninos que estão no Projeto desde que o Projeto começou. Você vê foto desde pequenininho, o jeito que eles chegaram, sabe? Completamente diferente do que eles são agora. Bem mais educados. Chegam cumprimentam, "obrigado", "por favor", sabe? Muitos deles têm essa mudança [...]. A grande maioria muda. (Julia, IC)

As crianças em si eu acho que hoje é o motivo pra eu me sentir assim motivada pra trabalhar aqui [...]. O que motiva é aquilo que a gente considerava que poderia ser um problema que seria a relação com as crianças, né? [...]. A criança era rebelde, era mal educada [...] daí você vê ela assim [...] te respeitando mais, acatando melhor as idéias que você tá passando pra ela. E não só com você. Ver o comportamento dela mudando num geral. Até com os próprios pais delas. (Neide, FAS)

A percepção de que o comportamento das crianças e adolescentes está mudando, segundo sete dos treze profissionais entrevistados, motiva-os a dar continuidade ao seu trabalho.

### Parcerias

De acordo com o art. 217 da Constituição Federal, "é dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um" (BRASIL, 1988). Apesar de ser um dever do Estado, podemos observar que a promoção de práticas desportivas tem encontrado parceiros em empresas privadas e no terceiro setor. Palavras como parcerias, voluntariado e responsabilidade social se fazem cada vez mais presentes no campo das políticas sociais, expressando um estreitamento nas relações entre o Estado e entre as organizações da sociedade civil (THOMASSIM, 2009).

O número dos chamados "projetos sócio-esportivos" promovidos por instituições privadas, organizações não-governamentais (ONGs), fundações e institutos empresariais de artistas e atletas, organizações da sociedade civil em parceria com o Estado aumentou significativamente em todo o país (BRETÁS, 2007; GUEDES *et al.*, 2006; MELO, 2005; 2007; SILVA; SILVEIRA; ÁVILA, 2007; THOMASSIM, 2006), ganhando visibilidade na mídia e na sociedade (MELO, 2004; 2005).

Conforme a tendência apontada pela literatura, o EA também ocorre através de parcerias. Como já comentamos anteriormente, o Projeto Esporte em Ação é realizado pelo Instituto Compartilhar conjuntamente com a Prefeitura de Curitiba, através da FAS e da SMEL.

De uma forma geral, as parcerias existentes no Projeto são percebidas como um facilitador para o trabalho dos profissionais, pois ajudam na complementação do trabalho desenvolvido.

É importante que ajuda no desenvolvimento. Que como a gente trabalha aqui os educadores com o lado social, o lado afetivo, o esporte tá trabalhando o outro lado que a gente não tem essa formação [...]. Um trabalho acaba compensando o outro. (Sabrina, FAS)

A parceria é super legal. Eles valorizam bastante. É uma parte bem importante porque é bem focado nos valores. E eles, além disso, tem artes, tem teatro, tem dança [...]. A gente usa o espaço da SMEL, aqui acontece o Projeto da FAS que é o PETI. Então são três, né? Três instituições ocupando o mesmo espaço. Mas é bem tranquilo. A relação é bem legal. (Adriana, IC)

O Esporte em Ação [...] é um complemento nas nossas atividades. Eles também têm sua metodologia de trabalhar valores unido ao esporte [...]. É tudo uma continuidade. Aquele processo contínuo. Não é fragmentado: aqui você ensina valores e lá embaixo eles só jogam bola. Não! Eles têm aquela complementaridade do que a gente faz. (Michele, FAS)

Se por um lado há um entendimento, por parte dos profissionais da FAS e do IC de que o trabalho de uma entidade complementa o trabalho da outra, por outro lado, acredita-se também que se necessita de um planejamento comum mais efetivo tanto para se melhorar os resultados do trabalho, quanto para se minimizar inconsistências nas ações cotidianas. Um exemplo de inconsistência no trabalho desenvolvido entre o IC e a FAS, refere-se à questões disciplinares. Alguns dos profissionais do IC gostariam que existisse uma cobrança maior por parte das educadoras da FAS em relação ao comportamento das crianças.

Eu acho que elas [educadoras] deveriam ter um pulso mais firme. Muitas delas também criam um afeto com eles. Aí você tira pra eles terem um castigo. [Daí elas tã] ali com eles sentados no colo, fazendo cafuné. Daí já não funcionou [...]. Às vezes a gente dá uma lição, por exemplo, "Ó você sai da aula e fica ali, fica ali junto com o educador e vai fazer alguma coisa!". Aí a educadora fica brincando com ele [...]. A gente fala uma coisa, quer que

tenha aquela punição, mas talvez não foi uma punição [...]. Eu dou a punição, "Fica aí!", "Sai!". E tudo que ele queria era sair pra jogar bola e conseguiu sair pra jogar bola. (Julia, IC)

De repente é tem algum aluno que ta dando problema aqui na aula dos educadores, não é nem no esporte. A gente gostaria que ele percebesse que se fizer alguma coisa de errada lá, ele também não vai poder fazer o esporte, ou se ele fez alguma coisa errada em alguma atividade nossa quando ele for pro futsal, que eles adoram, então ele não faz. Ter esse conjunto de ações assim sabe?(Adriana, IC)

Os profissionais de ambas as instituições sentem a necessidade de um planejamento comum mais efetivo.

Faz falta essa integração. Meu desejo era ter um planejamento com os educadores. Não precisa ser igualzinho, mas saber que o que a gente faz é continuidade do que eles fazem e vice e versa, sabe? Ter um norte igual assim. Porque às vezes é ruim. Você poderia potencializar muito mais o trabalho. (Adriana, IC)

Embora as instituições tenham buscado desenvolver reuniões mensais para um planejamento conjunto, aparentemente, existem ainda dificuldades para que este planejamento se efetive e para que as ações dos diferentes profissionais sejam de fato consistentes.

### Estrutura e apoio para o desenvolvimento do trabalho

Os profissionais do IC têm reuniões periódicas para planejar e discutir o seu trabalho. Além disto, participam de cursos de capacitação e possuem o apoio da psicóloga do Instituto para auxiliá-los a lidar com as dificuldades que encontram em seu cotidiano.

O que me deixa mais feliz de estar aqui é todo esse apoio que a gente tem [...]. A gente tem sempre um reforço, a gente pode tirar as dúvidas com os outros professores [...]. Também o apoio que a gente tem, né? Através da psicologia do esporte que ajuda bastante pra até você se entender durante a aula, saber como lidar com determinados comportamentos que cada aluno tem. (Isabela, IC)

A estrutura que eles me dão assim é tranqüilo. Eles me dão todo o material, espaço [...], material, som, eu tenho. Três vezes por mês, nós, os professores, nos encontramos com a psicóloga no escritório do Instituto, [...] e debatemos o que está acontecendo nas aulas, estipulamos algumas metas. (Julia, IC)

A gente até fez vários cursos no SESC do Projeto Não Violência e tudo voltado nisso, pra gente buscar na gente uma forma de melhorar o comportamento deles. [...] A gente tem reunião, palestra, temos a psicóloga com a gente aqui direto [...]. Em todos os cursos que a gente precisa e que tem, a gente sempre pode fazer. (Leticia, IC)

O Instituto proporciona isso também de dar informação pra gente e apoiar. Eles deixam a gente criar [...]. Eles valorizaram tanto a ponto de contratar uma psicóloga, coisa que poucos projetos têm [...]. Pra outros seria uma perda de tempo ou gasto inútil de dinheiro e eles não. Eles valorizaram isso. Qualquer coisa que a gente invente eles apóiam. (Adriana, IC)

A realidade dos profissionais do IC difere bastante da realidade dos educadores da FAS. Os últimos sentem carências em sua capacitação. Além disto, sentem necessidade da presença de profissionais capacitados para ajudá-los a melhor direcionar as atividades. Apesar de existir no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) da Vila Torres uma psicóloga e uma assistente social, os profissionais da FAS sentem necessidade da presença de profissionais especializados (psicólogo, assistente social e pedagogo) que atuem mais diretamente na praça, que observem as dificuldades encontradas no dia a dia do Projeto e, que a partir destas observações, ajudem no planejamento e na resolução de problemas.

Eu acho extremamente importante que tivesse aqui um psicólogo, um pedagogo e um assistente social só aqui, pra atender as dificuldades daqui. Porque nós temos assistentes sociais no CRAS [...]. Mas a gente precisaria ter pessoas aqui dentro [...] pra direcionar melhor o trabalho [...]. Uma assistente social pra estar fazendo junto com a gente o acompanhamento das famílias e também junto com o psicólogo pra estar fazendo um trabalho mais aprofundado nessa área. E o pedagogo pra dirigir melhor as atividades, pra ter um planejamento [...]. Ficaria um trabalho mais eficiente e a gente poderia trabalhar com mais profundidade nesses assuntos. (Sabrina, FAS)

Mas é uma pena que a gente não tem um pedagogo aqui, seria muito importante assim ter um [...]. Poder administrar algum tipo de atividade assim que incentivasse eles a ler mais, algumas coisas que a gente pudesse trabalhar mais nesse sentido, escrever um pouco mais, mas como eu não tenho formação nessa área e como eu nunca tive experiência nessa

área, eu tenho muita dificuldade de aplicar alguma coisa. Eu não sei exatamente o que aplicar, se eu tô aplicando certo. Então eu fico restrita assim a mais executar do que a idéias. Às vezes você cria alguma coisa assim e a gente não pode aplicar porque não cabe a nós. (Neide, FAS)

O PETI, ele poderia nos dar subsídios de profissionais mais eficazes. Por exemplo, que tivesse pedagogos, né, que tivesse dentro aqui da nossa praça, né? Uma assistente social, que tivesse uma psicóloga [...]. As crianças que precisariam ter esses profissionais ali junto deles pra poder tá fazendo um trabalho mais [pausa] desenvolver um trabalho melhor. Porque os educadores, eles têm boa vontade, mas nós não somos profissionais pra poder tá lidando com algumas situações [...]. Os profissionais deveriam estar todos aqui. Porque existe o CRAS, esses profissionais estão dentro do CRAS, mas não podem estar fazendo um trabalho efetivo com as crianças [...]. Outra coisa também, mais educadores. Porque são poucos educadores pra tomar conta de toda é [pausa] de todas essas crianças [...]. Nós somos em sete educadores, na verdade deveria ser oito ou nove. (Daniela, FAS)

Uma das entrevistadas também sugeriu que seria importante se ter na praça uma pessoa disponível para realizar visitas às famílias e fazer um acompanhamento mais efetivo das crianças na escola.

Seria bom se tivesse um educador ou uma pessoa disponível que pudesse sempre tá fazendo essas visitas na Vila assim. Mas todo dia. “Ó hoje eu tô saindo e vou lá na Vila [...]. Vou ver esse caso aqui [...]”. Eu acho que isso iria melhorar muito pra nós e ia crescer assim o interesse até dos pais em relação aos filhos e as crianças iam se sentir um pouco mais, não controladas nem vigiadas, mas assim tivesse mais interesse por elas, né? [...]. A gente quer voltar a ter assim um contato com a escola até porque eles também se sintam assim: “Puxa, o pessoal da praça tá interessado na escola, o professor falou que ia lá!”. E era uma idéia que a gente tá desde o começo do ano, mas a gente não consegue tempo assim pra bolar a coisa direitinho e executar. (Neide, FAS)

Enquanto os profissionais do IC afirmaram ter facilidade e agilidade na liberação de recursos necessários ao seu trabalho, os profissionais da FAS afirmaram que a burocracia no encaminhamento de trâmites legais e a demora na liberação de materiais e verbas por parte da Prefeitura é uma barreira para a implementação de suas ações. Um exemplo disto é a demora na liberação de transporte para os passeios e de condições para a melhoria das instalações do Projeto.

A gente tem carta branca pra fazer tudo que a gente quer [...]. Então a gente também não tem é proibições. [...]. Então o [gerente executivo] também é uma pessoa super aberta. O que a gente precisar a gente pode estar

sempre conversando com ele que ele sempre vai ouvir e ajudando. Nunca ele fala não. Só em casos em que realmente não tem condições, mas tem um passeio lá não sei aonde “Ah, por que você quer levar?” “Ah porque o objetivo é esse, esse e esse”. Daí beleza, ele manda e conseguimos a Van. (Leticia, IC)

Tudo que depende de verba da prefeitura demora. Então a gente pede divisórias pra montar salas, ai demora, que eu sei já vai fazer um ano que a gente solicitou, veio pra uma parte e não veio pra outra. Então é um processo muito demorado! (Sabrina, FAS)

A gente é muito barrado no que a gente quer fazer porque nós somos um órgão da prefeitura. Tem coisa que a gente não pode fazer e a gente tem que passar por toda uma hierarquia. É difícil, né? Isso é complicado. [...]. Por exemplo: A gente quer fazer um passeio pro Estadual. No Planetário. Só que assim a gente teria que ter um ônibus disponibilizado, né? Enfim, nem sempre é possível. Tem que ser tudo agendado bem antes porque tem uma cota, né? (Carla, FAS)

## 5.2 FACILITADORES

### Vínculo afetivo

Quatro dos seis educadores entrevistados apontam que existe um forte vínculo afetivo entre eles e as crianças que participam do Projeto, o que facilita o desenvolvimento de seu trabalho.

O que mais agrada? É esse retorno que a gente tem. Esse retorno positivo que a gente tem com as crianças e com os adolescentes [...]. O que é gratificante pra mim é esse vínculo que eu construí com os meninos e com as meninas, de amizade, de liberdade. Porque às vezes eles vêm fazer perguntas pra nós de coisas assim que a gente nem imagina. E é bacana perceber essa confiança deles, porque mesmo com tanta dificuldade eles ainda conseguem chegar te dar um abraço, te dar um beijo e dizer ah, que você tá bonita hoje! Essas coisas assim de criança que é gostoso de você ouvir, porque é uma coisa sincera. (Sabrina, FAS)

O que me mantém aqui no momento são as crianças mesmo. Tô bem apegada assim e gosto bastante deles [...]. Enfim, eu acho que isso vale a pena quando você [...] vê que você mudou um pouquinho uma criança já vale muito a pena. (Carla, FAS)

Este vínculo é estabelecido através da convivência diária com as crianças.

Aqui eles têm espaço pra se abrir pra conversar, nós visitamos as famílias [...]. Nós conhecemos os pais, vamos na casa, eles se sentem bem, se sentem acolhidos. (Michele, FAS)

O carinho, né? O acolhimento que nós fazemos, o amor que nós transmitimos a eles é muito importante. (Daniela, FAS)

Quando faltam a gente sempre procura perguntar: “Olha por que você faltou?” “A gente sentiu a tua falta e tal”. Porque se você faz de conta que tá tudo bem, então: “Por que eu vou vir”, né? “Ninguém sentiu minha falta!”. Então a gente sempre procura estar perguntado: “Por que você não vem e tal?”. (Isabela, IC)

O vínculo afetivo é também percebido como um facilitador para a participação das crianças e adolescentes no Projeto.

Eu acho que está ligado mais ao vínculo mesmo com os educadores [...]. Porque o esporte, lógico, é importante, eles gostam também [...] mas o que, o principal aqui [...] é esse vínculo com eles, é a amizade, o respeito, carinho. E tem mesmo algumas crianças que vem pra cá, que gostam de vir porque tem essa liberdade com a gente, que tem esse ambiente legal [...] pra ficar aquele ambiente, um ambiente até de uma família, né? (Sabrina, FAS)

Marques e Krug (2008), que analisaram as contribuições do Programa Segundo Tempo para os discentes de uma escola em Santa Maria no Rio Grande do Sul, também encontraram em sua pesquisa a afetividade com o professor como um ponto positivo do Projeto.

### O Projeto como um espaço seguro

Um facilitador apontado por cinco dos seis educadores entrevistados é o fato do Projeto afastar, pelo menos temporariamente, as crianças das ruas e diminuir a sua vulnerabilidade à violência, ao trabalho infantil, à fome e às drogas. O Projeto funciona como uma espécie de “porto seguro”.

Pra eles é de extrema importância, porque enquanto eles tão aqui eles não tão lá na deixa do traficante, eles não tão passando fome, não tão aprontando na rua, que é coisa que a gente sabe que eles fazem quando não estão aqui, né? Então eu acho que livra eles do trabalho infantil do qual

muitos deles, a maioria veio, né? Puxava papel, etc. É uma área neutra aqui nessa Vila. Então eu acho que eles estão protegidos. Ficam num lugar seguro [...] mantêm os filhos protegidos. (Michele, FAS)

Os pais aparentemente se sentem mais tranqüilos ao saberem que seus filhos estão em um local seguro e onde podem também ocupar o seu tempo livre e aprender alguma coisa.

Porque eles trabalham e daí não tem com quem deixar os filhos e daí eles mandam pra cá pra o filho não ficar na rua, né? Que não é bom a criança ficar andando na Vila sozinha. Esse lado é bem forte [...] sabe que a criança vai aprender, vai ficar aqui com a gente, a gente cuida, a gente ensina, né? Faz um esporte, tá se divertindo, tá interagindo com outras crianças. (Carla, FAS)

Pra alguns pais eles têm assim bastante noção da importância das crianças estarem aqui [...]. De tirar a criança da rua. Mesmo porque aqui ele sabe que a criança estando aqui, [...] tá evitando de estar em contato com lá [...] que tem criança lá envolvida de repente dez, doze anos e estão envolvidas com drogas já, tanto na parte de consumo quanto na parte do tráfico [...]. E outras crianças estão de repente ali o tempo todo assim, elas são seduzidas pelos traficantes para consumirem ou até venderem pra eles, porque isso traz dinheiro [...]. Então os pais têm bastante noção disso e por isso eles acham importante que o filho venha pra cá. Porque daí eles não vão ter contato com esse tipo de situação e ficar ali perdido pela Vila sem fazer nada. Até porque aqui eles acham que vão aprender alguma coisinha também, né? (Neide, FAS)

O filho deles está aqui seguro e não tá na Vila. Eles gostam de saber que o filho tá fazendo alguma coisa no contra turno e não está lá incomodado eles e nem se envolvendo com alguma coisa na Vila. (Adriana, IC)

Outras pesquisas também apontam que a participação em projetos sociais, para muitos, está relacionada com a idéia de se afastar os menores de alguns dos perigos das ruas tais como a criminalidade e a violência, bem como a de se ocupar o tempo livre dos mesmos. (ABRAMOVAY *et al.*, 2003; ABRAMOVAY *et al.*, 2006; BRETÃS, 2007; GONÇALVES, 2003; LEÃO, 2005; MELO, 2007; MENDES *et al.*, 2006, THOMASSIM, 2006; VARGAS 2007; VIALICH, 2009; ZALUAR, 1994).

### O Projeto como um espaço de educação

O espaço do Projeto é visto pelos profissionais e por alguns pais ou responsáveis, como um possível local de educação.

Eles acham que vão aprender alguma coisinha também, né? [...] Eles acham que é importante [...] ter algum aprendizado maior, né? Porque daí ele tá jogando futebol, tá jogando vôlei ou alguma coisa assim e o contato com pessoas mais adultas traz um aprendizado um pouquinho maior pra eles, né? [...]. (Neide, FAS)

Alguns dizem assim: “A minha vó me manda pro Projeto porque eu tenho muito o que aprender”. Tem um menino que sempre me fala isso. Que ele vem esteja chovendo, esteja o tempo que for ele vem porque ele tem muito o que aprender. (Carla, FAS)

Vargas (2007), em seu estudo sobre os benefícios do Projeto Esporte Clube Cidadão, também verificou que a participação no Projeto é percebida como uma forma de desenvolvimento pessoal, educação e formação de caráter. Zaluar (1994) também chegou à conclusão parecida em seu estudo. Segundo ela, a participação em um dos projetos estudados também é percebida como um meio de se desenvolver noções de responsabilidade e bons comportamentos.

Segundo alguns entrevistados, para alguns pais o Projeto Esporte em Ação também abre portas para um possível encaminhamento profissional, o que os motiva a mandar seus filhos para o Projeto.

A partir dos 14 anos a gente encaminha pro menor aprendiz [...]. Terminando o curso [...] a gente encaminha pro Pró-jovem [...]. Alguns pais têm essa visão que os filhos têm que estar aqui porque é uma oportunidade boa pra eles. (Sabrina, FAS)

### O Projeto como um espaço de diversão

Além da percepção do Projeto enquanto um espaço seguro e de educação, o EA também é percebido como um espaço de diversão.

Tem a recreação também que eles podem brincar aqui, podem brincar ali. Então eu acho que isso contribui muito, né? [...]. Então eu acho que isso é muito importante pra eles [...]. Acho que isso atrai bastante. (Neide, FAS)

É como eu te falei o espaço, né? Liberdade pra brincar, correr [...]. Ter acesso sem riscos, né? Ali no bairro eles podem fazer esportes, mas tá correndo risco. (Denise, FAS)

Assim como em nossa pesquisa, o local do Projeto ser percebido como um local de diversão também apareceu nas pesquisas de Vargas (2007), Vialich (2009) e Zaluar (1994).

### Identificação e gosto pelo trabalho desenvolvido

Outro facilitador para o trabalho dos profissionais é a sua identificação e o gosto pelo que fazem e um sentimento de que estão e/ou de que podem, de alguma forma, contribuir para com a sociedade.

É em primeiro lugar acho que minha identificação com o social. Meu objetivo de vida sempre foi trabalhar com o social [...]. Eu acho que é muito gratificante. Eu me identifico plenamente com o que eu realizo aqui.[...]. Dentre todas as áreas que eu conheci eu acho que é uma que eu me sinto útil pro mundo. Faço alguma coisa, assim me dão no sentido de deixar alguma coisa para o mundo. (Michele, FAS)

Estar aqui sendo um educador, tentando passar alguma coisa pra eles [...] me motiva sempre [...]. Todo mundo tá trabalhando em prol em cima de um objetivo [...]. O que mais me agrada assim é ter um feedback positivo deles, ver que não é em vão que a gente tá fazendo aqui. (Letícia, IC)

O que eu mais gosto, o que eu mais acredito é que a gente pode transformar essas crianças através de valores do esporte. (Márcia, IC)

### Bolsa auxílio

As crianças e adolescentes envolvidos no EA estão vinculadas ao PETI. E assim, cada participante, em conformidade com as regras do PETI, recebe um auxílio mensal de R\$ 40,00. Este auxílio é um dos facilitadores para a participação das crianças e adolescentes no Projeto.

O interesse deles é o benefício [...]. A grande maioria fica interessada mesmo no benefício, porque é um dinheiro que faz falta no final do mês, né? Então eles unem o útil ao agradável. Não têm aquela preocupação da criança estar solta na rua, estar se envolvendo com traficante, tá se envolvendo com bandido, então tem um pouquinho de tudo. (Sabrina, FAS)

Na minha opinião eles [participantes] vêm por causa do dinheiro [...]. Porque geralmente quando é bloqueado o benefício às vezes a própria criança fala "Eu não vou no Projeto mais porque eu não to recebendo mesmo [...]." (Daniela, FAS)

## Socialização

A socialização também é um fator que facilita a participação das crianças no Projeto. Além de elas poderem vivenciar atividades em grupo no Projeto, elas podem também encontrar seus amigos da Vila e da escola.

Eles tão pela amizade e se eles não tivessem aqui eles estariam em casa fazendo o que? Vai ficar em casa assistindo televisão, mas não quer ficar assistindo televisão. Aqui eles vão estar com amigos. (Denise, FAS)

Eles vêm pra cá por causa das amizades. É a companhia pra vim pra voltar, já são colegas na escola, pessoas que eles conhecem há bastante tempo [...] é mais por isso. (Sabrina, FAS)

Eles têm a companhia dos amigos. Normalmente a amiga daqui é a amiga que tá na escola com ela também. Então eles estão juntos. (Neide, FAS)

Uma grande parte também realmente gosta, porque quer estar aqui com os amigos [...]. A questão da amizade, de empatia, de cooperação e a gente consegue perceber isso [...]. A maioria foi pela amizade mesmo. Eles brigam, eles se quebram [risos], se xingam, mas é coisa de irmão que briga e dali a cinco minutos já estão jogando bolinha de gude, já está um pegando a bola do outro, já estão correndo pra lá e pra cá [...]. Com certeza é pela amizade que eles têm entre eles. Como eles moram tudo junto, um sai de casa e chama os outros, um cobra do outro quando não vem [...]. (Letícia, IC)

Da mesma forma que para os participantes de nosso estudo, participantes da pesquisa de Gonçalves (2003) também alegaram que a sua participação no Projeto Vila Olímpica Verde-e-Rosa está vinculada à redes de amizade. Outros estudos também apontam a socialização como um importante facilitador para o a participação de crianças e adolescentes em projetos sócio-esportivos (ABRAMOVAY *et al.*, 2003; ABRAMOVAY *et al.*, 2006; MARQUES; KRUG, 2008; MOLINA, 2007; VARGAS, 2007; VIALICH, 2009; ZALUAR, 1994).

## Gosto pelo Projeto

Segundo alguns profissionais entrevistados, algumas crianças dizem não gostar do Projeto.

Algumas delas [...] falam que o Projeto é “paia”, bem no vocabulário deles. Porque eles querem vir pra um lugar pra jogar bola o dia inteiro e não fazer mais nada. Então quando eles vêm pra cá e eles têm que seguir aquele horário, aquele calendário, tem que fazer as atividades. [...]. Então eles acabam dizendo que o Projeto é ruim, que não é legal, que é velho e isso e aquilo. Porque alguns não entendem muito qual é o objetivo aqui. (Sabrina, FAS)

Embora algumas crianças reclamem do Projeto, segundo todos os entrevistados, na verdade, elas gostam do mesmo.

Às vezes elas parecem que não gostam, mas quando você diz que não vai ter Projeto, no outro dia tá todo mundo aqui. Esquece até! Então a gente vê que eles gostam [...]. Eu vejo que eles gostam sim! Não é porque eles têm que ter a presença que eles vêm. (Marta, FAS)

Eles gostam muito daqui. Eles gostam porque a gente vê que em dia de feriado, dia que não era pra eles estarem aqui eles sempre estão. Porque eles, além de receber o alimento que muitos não têm em casa, eles são bem tratados. Aqui eles têm espaço pra se abrir pra conversa [...]. Eles se sentem bem. Se sentem acolhidos. (Michele, FAS)

Para alguns profissionais entrevistados, o gosto pelo Projeto pode estar relacionado com a possibilidade de um afastamento da realidade encontrada na Vila.

Eles gostam de estar aqui [...]. Têm muitos que tão com fome, não tem vontade de voltar pra casa porque é um lugar que é, além de ser desagradável, encontra com aquela situação, aquela realidade triste [...]. Eu acho que perto da realidade deles aqui é o paraíso, né? (Michele, FAS)

Eu acredito que pra algumas delas deve ser muito difícil de conviver com a família lá. Às vezes a família é muito difícil. Deve ser desagradável ficar em casa. Alguns apanham, alguns moram sozinhos, moram em becos e ninguém cuida muito deles. E aqui eles têm esse aconchego, têm o lanche, têm uma atividade esportiva que eles gostam, principalmente eles se encontram com os coleguinhas, eles gostam disso também [...]. Imagine você ficar em casa com aquele climão assim? Aqui é um refugio. (Adriana, IC)

O gosto pelo Projeto, também se mostrou um ponto positivo para a participação de crianças e adolescentes nas pesquisas de Marques e Krug (2008) e Zaluar (1994).

### Lanche

Outro fator alegado ser um facilitador para a participação das crianças no Projeto é o lanche oferecido pelo mesmo. As crianças recebem um lanche antes de iniciarem as atividades e outro pouco antes de irem embora.

Alguns vêm mais por causa da alimentação porque eles não têm. Às vezes esses lanches que a gente dá aqui, de repente é o único lanche que têm. A única alimentação que têm no dia. (Daniela, FAS)

Ali muitos vêm sem tomar café e tal porque sabem que aqui tem o lanche. Então acho que estimula sim. (Isabela, IC)

### Proximidade do Projeto em relação à moradia das crianças

A proximidade da praça com a Vila também apareceu como um facilitador para a participação das crianças.

Um dos motivos é a facilidade delas chegarem até aqui. Isso é uma coisa que eu percebo bastante, porque é perto da casa delas. Elas podem vir rapidinho, voltar rapidinho. (Sabrina, FAS)

Talvez pela proximidade [...] talvez aqui seja o local mais próximo pra eles virem fazer atividades. (Julia, IC)

Porque é perto [...]. Tem uns que moram aqui do lado. (Marta, FAS)

A proximidade do local de moradia ao local aonde acontece o Projeto também apareceu como um facilitador para a participação de crianças e adolescentes em projetos sociais no trabalho de Abramovay *et al.*, (2003), Abramovay *et al.*, (2006), Vialich (2009) e Vianna e Lovisolo (2009).

### Atividades que mais gostam

De acordo com os entrevistados, as atividades que as crianças mais gostam facilitam a sua participação no Projeto, como, por exemplo, os passeios, a recreação, as competições e o futebol.

[Os] passeios [...] chamam muito a atenção deles. Eles gostam porque daí eles vão de Van e daí eles colocam filme e eles vão assistindo. E a possibilidade de eles conhecerem vários lugares [...] de vivenciar outras realidades. (Isabela, FAS)

Geralmente são atividades recreativas. Atividades que eles podem fazer o que eles quiserem [...]. Então atividades que eles têm a liberdade de escolher o que eles querem fazer, por quanto tempo eles querem fazer. (Sabrina, FAS)

Tem campeonato, campeonato, campeonato o ano inteiro e eles sempre pedem pra gente: "Ah professora quando que é o campeonato e tal?" [...]. Eles gostam muito desse fator da competição, de sair daqui, de jogar fora, de colocar uniforme. (Leticia, IC)

O negócio deles é futebol. [...]. O negócio dele é jogar futebol e se pudesse vir de manhã e começar jogar futebol e só parar na hora de ir embora ele fazia. [...]. E não quer parar nunca, né? Então o que eles mais gostam é o futebol mesmo. (Neide, FAS)

Considerando que os passeios motivam as crianças a participar do Projeto, sugeriu-se que se promovam mais passeios durante o ano.

Eu acho que a gente deveria trabalhar mais essa coisa de levar as crianças pra conhecer um lugar. Uma vez por mês a gente vai sair e vai pra um parque, vai fazer um piquenique num parque, sabe? Tá certo que é muita criança, mas a gente teria que, de alguma forma, organizar isso [...]. Isso eu acho que seria importante pra atrair a criança também, né? (Neide, FAS)

Apesar do Projeto não ter como objetivo a formação de atletas, para alguns dos entrevistados, a possibilidade de se praticar futebol e assim se ter a chance de ser encaminhado para algum clube é percebido como um fator que pode facilitar a participação das crianças e adolescentes no Projeto.

O alvo deles é ser um jogador de futebol futuramente, um profissional. [...] o sonho de qualquer um deles é ter oportunidade, né? [...]. Algumas crianças

já foram até convidadas, né? Pra poder participar de alguma coisa. [...] vaga no Rexona pra uma das nossas alunas [...] escolinha de futebol do Coxa pra um dos nossos alunos.” (Daniela, FAS)

Alguns se interessam pelo esporte, acabam conseguindo treinar em algum lugar. Tem alguns meninos que estão treinando no Atlético, tem alguns meninos que tão treinando [...] dentro da Vila [...]. A gente tem também uma criança que treina no Rexona. Então é importante porque também é uma outra oportunidade que eles tão tendo pra seguir, crescer, de repente até ganhar dinheiro, ficar famoso, participar de olimpíadas, jogar num time legal. E eles gostam também, né? (Sabrina, FAS)

Várias pesquisas apontam que tanto para responsáveis por participantes (MENDES *et al.*, 2006; ZALUAR, 1994) quanto para participantes de projetos sociais (GONÇALVES, 2003; GUEDES *et al.*, 2006; MARQUES; KRUG, 2008; MEZZAROBA, 2008; VARGAS, 2007; ZALUAR, 1994), o esporte é muitas vezes percebido como uma via de profissionalização e de ascensão social.

### 5.3 BARREIRAS

#### Realidade social/ dimensão dos problemas

Muitos dos participantes da pesquisa apontaram que a dimensão dos problemas sociais, a falta de maiores investimentos na área social e a realidade onde as crianças estão inseridas geram dificuldades. Problemas como as drogas, a pobreza e a fome acabam afetando, direta ou indiretamente, a participação e a aprendizagem das crianças e o trabalho do profissional.

Às vezes eu me vejo muito pequena diante da dimensão dos problemas. Que cada vez mais a droga está mais forte, os problemas sociais estão aumentando, a pobreza aumenta, a fome aumenta e parece que os recursos pra gente são menores, são limitados. Então isso causa um pouco de frustração, mas eu sei que não posso desanimar! (Michele, FAS)

Aqui é complicado. Porque assim: aqui no Projeto eles passam três horas do dia só, né? Então a gente sabe que é muito pouco. São três horinhas aqui e vinte e uma horas sabe Deus aonde. A gente sempre fala que saiu do portão pra fora tá com Deus e a gente não pode fazer mais nada. (Letícia, IC)

Por conta da complexidade dos problemas sociais vivenciados pelas crianças e adolescentes, os próprios agentes do Projeto questionam a eficácia das ações do EA. Eles questionam também se as crianças estão de fato aprendendo alguma coisa através das práticas vivenciadas no Projeto.

Eles vivem dentro de um contexto onde eles aprendem desde pequeninhos aquelas situações, e eles vão crescendo com aquelas situações e vão desenvolvendo o que eles acham mais viável pra eles, né? Vou dar um exemplo: Eu sou traficante, tá? Eu sou uma moradora da Vila e eu sou traficante. Aí meu filho também vai ser traficante, né? Porque é viável pro filho ser traficante e pra mim também. Se eu ganho dinheiro, ele vai aprender a ganhar dinheiro. O filho dele também vai aprender a ganhar dinheiro com isso. Quer dizer, é um dinheiro fácil. Então, na verdade, eles não têm essa consciência de quão prejudicial isso é, né? O que eles tão fazendo pros próprios filhos. (Daniela, FAS)

O tráfico, de acordo com Gonçalves (2003), impõe um modelo de virilidade e violência. Conforme discutiremos abaixo, a Vila Torres convive com o tráfico de drogas de forma veemente. Este contexto de criminalidade enfatiza valores contrários aos que são desenvolvidos pelo Projeto. Por isso, além da realidade social, existe a realidade cultural que também atua como uma grande barreira para o desenvolvimento de valores junto às crianças e adolescentes.

Conforme ressalta Thomassim (2009), muitas vezes o contexto no qual crianças e adolescentes participantes de projetos sócio-esportivos estão inseridos não são governados por valores e significados desenvolvidos no contexto desses projetos. Segundo ele, necessitamos repensar a tão comum expectativa de que o aprendizado de uma conduta ou comportamento no projeto sócio-esportivo é transferido automaticamente para outros contextos onde os participantes estão inseridos, como se houvesse uma incorporação de condutas e de comportamentos de forma linear e sem contradições.

#### Falta de experiência por parte dos profissionais em projetos sociais

Embora vários entrevistados tenham afirmado que se sentem realizados ao saberem que estão promovendo algumas mudanças positivas na vida das crianças e

adolescentes da Vila, muitos admitem ter grande dificuldade em lidar com a difícil realidade social das crianças e adolescentes que participam do Projeto.

Quando eu entrei [...] eu fiquei assim desesperada porque eu fiquei pensando "Poxa como é que eu vou conduzir tudo isso?". Eu nunca tinha tido experiência na minha vida! (Neide, FAS)

A primeira vez que eu entrei aqui eu fiquei apavorada com um monte de criancinhas me olhando. Eu pensei: "Meu Deus, eu vou morrer aqui!" [...]. No começo você fica assustado, né? Porque eles têm uma realidade bem difícil. Eles são agressivos [...]. Bem difícil, sabe? (Carla, FAS)

Segundo os depoimentos acima, entre outros, aparentemente não existe uma capacitação que prepare adequadamente os educadores da FAS para o trabalho em projetos sociais. Estes percebem como necessidade uma melhor formação e um maior apoio para o desenvolvimento de um bom trabalho.

### Rotatividade de profissionais

Segundo os entrevistados, existe uma alta rotatividade de profissionais no Projeto, o que causa problemas para a continuidade das atividades e dificulta o relacionamento entre profissionais e alunos, uma vez que os últimos precisam constantemente se readaptar aos novos profissionais.

O mais difícil aqui é permanecer, né? Encontrar pessoas que sejam realmente dispostas a enfrentar a realidade que as crianças têm, né? [...]. O medo que todo mundo tem é esse, né? De as pessoas não se comprometerem, vir professor ficar um dia, dois e daí abandonar, né? E as crianças se apegam, fica complicado! (Leticia, IC)

Então a gente veio pra cá e praticamente as outras educadoras estavam saindo, todas. Nós entramos e não ficamos assim dois, três, quatro meses com um grupo de educadoras que já estavam aqui, sabe? [...]. Toda essa troca pras crianças também foi difícil porque de repente pegar todo um grupo novo, né? É bastante complicado. (Neide, FAS)

## Faltas das crianças

Outra barreira apontada por muitos dos entrevistados são as faltas das crianças, que normalmente estão associadas a fatores tais como necessidade de participar de reforço escolar, conflitos na Vila e problemas de segurança, condições climáticas adversas (chuva e frio) e obrigações familiares.

Essa menina aqui, a número 2 [olhando na lista de chamada], eu nunca vi ela aqui no Projeto. As outras professoras também nunca viram, mas ela continua na lista. Continua vindo na chamada. Quer dizer, ela tá vinculada ao Projeto ainda, só que ela não tá vindo. Então ela não deveria estar vinculada ao Projeto se ela não veio. Então é complicado [...] tem bastante falta. Mas as faltas geralmente são dos mesmos. (Julia, IC)

A gente não consegue progredir muito na metodologia por causa das faltas. Então o mais difícil eu acho que é a questão das faltas. (Isabela, IC)

A falta de assiduidade das crianças prejudica a continuidade das atividades e desenvolvimento de um trabalho mais efetivo por parte dos profissionais.

Vários entrevistados disseram que deveria haver algum tipo de punição para as crianças que faltam sem justificativa, como por exemplo, corte de bolsa e/ou desligamento do Projeto. A falta de punição, segundo eles, gera mau exemplo para as outras crianças e leva à uma retenção de vagas que poderiam ser ocupadas por outras crianças.

Eles não são desligados do programa se faltam. Eles não são desligados do programa por mau comportamento. Isso é teoria e eles já perceberam isso. Então eles deitam e rolam! (Adriana, IC)

O CRAS é muito resistente pra tirar as crianças do Projeto sabe? Do Projeto não, da bolsa que a gente fala. Então isso é ruim porque daí [...] ficam: "E pra quê eu vou mandar pro Projeto se eu vou continuar recebendo?" [...]. Isso aqui eu acho que dificulta o nosso trabalho. (Neide, FAS)

Ao mesmo tempo em que alguns profissionais falam em corte de bolsas e desligamento do Projeto, eles—principalmente os profissionais da FAS—admitem que esta atitude talvez não seja apropriada. Conforme apontou a entrevistada logo acima, aplicar este tipo de punição seria o mesmo que desistir das crianças, uma

vez que, “como o mundo tem fechado as portas para as mesmas, o Projeto deve manter as suas abertas”.

### Atividades que menos gostam

Dentre as atividades que as crianças têm no Projeto, de acordo com os entrevistados, as atividades artísticas, o reforço escolar e a capoeira são as atividades que as crianças e adolescentes menos gostam. Os dias em que as crianças e adolescentes não têm as atividades que eles gostam é percebido pelos entrevistados como dias em que os participantes têm mais resistência para ir ao Projeto.

Digamos que seja no dia que ele não tem a atividade que ele gosta, “Ah eu vou lá ficar fazendo o quê? Eu não gosto de fazer, de ficar lá”, digamos assim, “assistindo televisão”. Ele quer vir, mais nos dias de atividade que é o esporte que ele gosta. Nos outros dias não, porque geralmente a criança, ela quer ficar livre pra fazer aquilo que quer e aqui tem regras. (Denise, FAS)

### Atividades casadas

Ao ingressarem no Projeto e no início de cada ano letivo, as crianças podem escolher uma atividade esportiva de sua preferência. Ao fazerem sua escolha, elas automaticamente são vinculadas à outra atividade esportiva, que nem sempre é de seu gosto. A vinculação entre atividades é chamada pelos agentes do Projeto de “atividades casadas”. A vinculação de uma atividade da escolha da criança com outra que ela não gosta, gera resistência por parte da mesma.

Serem obrigados a fazer um esporte que eles não gostam, acho que isso desestimula [...]. Você se inscreveu pra aquilo que você gosta. Você quer fazer aquilo. Aí junto vem uma coisa que você não gosta. Tipo, por exemplo, imagine uma criança que adora futsal, mais odeia capoeira, como é que vai fazer isso? Ele vai se inscrever no futsal porque ele adora futsal, mas junto vem a capoeira e ele odeia a capoeira. Ele não vai fazer aula de capoeira, vai ficar do lado. Vai ficar desestimulado. (Julia, IC)

Isso é um problema aqui porque não é a criança que escolhe. Ele tem que estar aqui [...]. Acho que atrapalha [...]. A maioria gosta de futebol. Então eles ficam felizes quando podem escolher o futebol [...], e eles se desmotivam muito se têm que fazer uma modalidade que eles não gostam

[...]. Tem alunos que não gostam de nenhuma e querem ficar sem fazer nada. Daí ficam atrapalhando, né? Atrapalha a aula, fica solto, acaba sendo um mau exemplo pros outros porque daí eles vêem que ele pode ficar lá numa boa e não precisa fazer. E daí aqueles que já têm tendência a desistir e a não fazer e não sei o que, daí: "Ah aquele lá fica. Então eu também saio e sento". (Adriana, IC)

A resistência por parte das crianças à atividade que não foi de sua escolha gera uma barreira tanto para a participação das mesmas no Projeto, quanto para o desenvolvimento do trabalho dos profissionais. Ao se sentirem desestimuladas a participar das atividades, muitas acabam atrapalhando o andamento das ações desenvolvidas pelo EA e desmotivando outras crianças a participarem das mesmas. Este problema já está sendo estudado pelo Instituto Compartilhar que gostaria de, em breve, acabar com a obrigatoriedade do vínculo entre atividades esportivas:

Tirar a obrigatoriedade das modalidades e cada um faz o que quer [...]. Então ele vai ter que dar valor àquela atividade que foi ele que escolheu. Não fui eu que obriguei ele a estar ali. Então, esse é um ponto que é hoje uma dificuldade e que a gente vê como uma necessidade de se atacar. Se não a gente vai estar sempre rodando no mesmo lugar. Os alunos reclamam porque eles estão fazendo uma modalidade que não querem, aí a frequência é baixa. (Márcia, IC)

Ao analisar a resistência das crianças às "atividades casadas", uma das entrevistadas alegou que as mesmas podem ser consideradas como um instrumento de educação, pois desta forma, a criança pode aprender que, em sua vida, até mesmo dentro das coisas que gosta de fazer, vai se deparar com situações que não gosta e vai precisar se adaptar às regras exigidas pelo convívio social.

Porque a criança tem que aprender que tudo na vida tem regras. Se ele entrou num lugar, ele vai ter que cumprir aquilo que ele aceitou, né? Ele aceitou vir, ele vai ter que seguir regras. Mas até o adulto, na faculdade, ele vai escolher uma matéria e ele vai tender a querer aquela matéria à outra. Ele vai fazer por obrigação, mas na mente ele quer aquilo que escolheu. E a criança é a mesma coisa. (Denise, FAS)

### A divisão e os conflitos na Vila

Uma das grandes barreiras para a frequência das crianças e adolescentes no Projeto é a violência na Vila Torres onde residem, ocasionada dentre outros fatores,

pela divisão de poder entre as gangues que dominam o tráfico de drogas. A presença do tráfico de drogas interfere na vida dos moradores da comunidade, os quais são identificados de acordo com o local onde residem e pela facção dominante no mesmo. Isto, conseqüentemente, impõe barreiras na circulação das pessoas fora da sua área de residência. Este problema é discutido por Gonçalves (2003).

Assim, muitas crianças não se sentem seguras para fazer o trajeto de casa à praça, seja por não possuírem liberdade de ir e vir dentro da Vila, ou por terem medo de se depararem com tiroteios em seu caminho para o Projeto.

Existe uma divisão de poder dentro da Vila [...]. Existem problemas dentro da Vila que impedem em algum momento que as crianças se [pausa] locomovam. Isso é ruim, porque a continuidade é fundamental, né? [...] Então se ele estabeleceu ali: "Não deixe que o outro passe!", "Passou pra cá eu te mato!" [...] Então eu acho que esse é um grande desafio que extrapola a nossa capacidade. (Márcia, IC)

Como a Vila é dividida, duas, acho que agora são três gangues ali, né? Às vezes fica muito perigoso pra elas saírem pra vir pra cá. Então, a gente até orienta mesmo, que quando tem tiroteio na Vila, quando eles sabem que o ambiente tá difícil, pra eles ficarem em casa mesmo, que depois a mãe liga, avisa, a gente conversa pra saber porquê faltou. (Sabrina, FAS)

E se aconteceu no fim de semana, vamos supor, tiroteio assim. Tem mãe que já prende mais, já não deixa que venha. Se o clima tá tenso, aí pode contar que vem bem menos crianças e as que vem, vem bem agitadas. Então varia muito de acordo com o ritmo ali [...]. Nessa Vila aqui é a violência que atrapalha, que é o principal fator assim que afeta. (Michele, FAS)

A entrada da polícia na Vila para tentar resolver os problemas, muitas vezes gera insegurança nos moradores. Os tiroteios entre policiais e bandidos aumentam o medo e dificultam a saída das pessoas de casa.

Dependendo do tipo de conflito, por exemplo, eles vão ter que ficar em casa, não pode sair. A polícia tá dando batida lá dentro da Vila e guerra com polícia e traficante eles já não saem de casa [...]. Quando acontece alguma coisa, eles chegam com jeito diferente, assim, mais agitado. A gente já sabe que alguma coisa aconteceu lá dentro da Vila, né? Aí eles soltam, né? "Ah, aconteceu não sei o que lá, a polícia entrou." Daí é o dia que eles não vêm [...]. Acho que esse é um fator que dificulta eles virem pra cá, é o conflito que tem a parte de cima com a parte de baixo. Quem mora em cima não pode descer. Quem mora na parte de baixo não pode ir pra cima. (Julia, IC)

Teve uma época que ficou bastante complicado aqui na Vila. A polícia entrou e ficou muitos dias ali dentro. Então eles tinham medo de sair na rua e, como a gente faz esse acompanhamento, sabe o que tá acontecendo ali dentro, a gente também nem faz muita questão que eles venham porque eles têm medo quando tem policial na Vila. Porque quando tem policial na Vila é porque o negócio tá feio. Tem bastante troca de tiro, tem bastante gente se escondendo. Então, as próprias mães mesmo, preferem deixar os filhos em casa. (Sabrina, FAS)

Conforme afirmou uma das entrevistadas, mesmo diante de atividades atrativas, sem segurança no trajeto até a praça, as crianças dificilmente poderão freqüentar assiduamente o Projeto.

Por mais que tenha qualquer coisa assim chamativa, esporte, uma brincadeira, qualquer coisa mesmo, tendo assim problema lá, não vai resolver [...]. Pode fazer o que quiser [...] ter uma coisa boa aqui, ninguém vai escolher, né? "Ah eu vou lá me divertir, vou lá ganhar isso ou vou fazer isso, mas eu tô colocando minha vida em risco! Primeiro eu vou defender a minha vida, né?" [...]. [Precisa de mais] segurança pra eles estarem vindo pro espaço [...] e [tirar] um pouquinho do medo. Porque o que surge mesmo é medo. (Denise, FAS)

Teve uma mãe que um dia eu encontrei [...] daí ela disse que ela acha super perigoso, eu até concordo, essa travessia das crianças. Que não tem um lugar apropriado delas atravessarem e assim agora com essa coisa de gangue, que tem uma gangue lá pra baixo, tem uma gangue aqui pra cima, aí ela falou assim: "Ah eu fico soltando essa menina e eu tenho medo de tudo isso." [...]. É difícil você argumentar e dizer assim: "Não, não se preocupe com isso que é fantasia". Não é. É verdade mesmo. (Neide, FAS)

Melo (2005), em seu estudo sobre a Vila Olímpica da Maré, também aponta problemas tais como o medo do confronto entre traficantes e eventuais tiroteios como uma barreira para a participação da comunidade no Projeto estudado.

Percebendo o medo e a falta de segurança que as crianças e adolescentes enfrentam todos os dias para irem até o Projeto, alguns entrevistados sugeriram que se criasse um sistema de transporte para levar e trazer as crianças para o Projeto.

É o caminho, trajeto de vir [...]. É o trajeto [...]. É uma dificuldade. Essa é a dificuldade! É a própria dificuldade [...]. Se tivesse um acesso, digamos que um transporte seguro seria diferente porque aqui cada um vem por si. Então se ele tá em risco ele não vai querer vir [...]. Um transporte ou uma maneira [...]. O medo dele é: "Eu vou tá na rua e moro do outro lado. Então eu não vou.". Isso que acontece. [...]. Se alguém pudesse tirar esse limite, né? Essa barreira de lados lá, né? Talvez seria um meio de transporte e estar

trabalhando a segurança [...] tirasse um pouquinho do medo. Porque o que surge mesmo é medo. (Denise, FAS)

Se tivesse um transporte seria muito mais seguro. Seria bem mais viável pra eles, né? Agora não tem essa facilidade [...]. Mas, se tivesse um transporte seria bem melhor [...] pra poder trazê-los até aqui. Porque eles saem correndo daqui pra ir almoçar e depois ir pra escola ou almoçam rapidinho pra vir pra cá e tem que atravessar essas ruas o que é muito perigoso. (Michele, FAS)

### Fatores diversos

O clima frio e chuvoso, as aulas de reforço, o envolvimento em outros projetos e até mesmo as obrigações familiares também apareceram como barreiras à participação mais efetiva das crianças e adolescentes no Projeto.

Devido ao clima frio e chuvoso, além da dificuldade de se locomoverem até a praça, as crianças muitas vezes não dispõem de roupas adequadas ou não possuem roupas secas para vestir e ir até o Projeto.

Às vezes a gente não consegue aplicar tudo aquilo que tá no planejamento em função de chuva, que falta muita criança [...]. Aí, às vezes, tá muito frio, alguns a gente sabe que não tem roupa pra vir, aí a mãe acaba deixando em casa. Aí, às vezes chove, molha tudo dentro de casa, molha a roupinha deles, eles não vêm. (Sabrina, FAS)

Dia de chuva eles não vêm, fica difícil [...]. Mesmo morando perto, é bem, dia de chuva, é bem difícil deles virem pra cá [...]. Mas quando chove, tá chovendo, pode saber que, vem muita pouca gente. (Julia, IC)

Embora os profissionais do Projeto percebam que o reforço escolar é uma necessidade, o fato das crianças terem esse compromisso esvazia as turmas.

No dia de reforço escolar eles não vêm [...]. Então assim, têm crianças que tem disponível pra vim pro Projeto duas vezes na semana [...]. É claro que não vai ter sempre a totalidade dos matriculados em função desse reforço e tal, mas na minha turma assim, 20, tem 27, vem 20 aqui. Se eles tiverem reforço na escola, a gente não pode aceitar eles aqui, porque se eles foram pra aula de manhã, o reforço vai ser à tarde, então a gente não pode aceitar. (Marta, FAS)

Tem o reforço escolar também, por exemplo, chega final de bimestre, final de semestre, eles já começam a se apertar e começam a faltar, porque tem o reforço na escola. (Julia, IC)

A participação em outros projetos também se constitui em uma barreira para a frequência das crianças no Esporte em Ação.

Na PUC [...] tem um Projeto lá, com os meninos da Vila também, né? Pra eles poderem treinar no espaço da PUC. Além da capoeira [...] eles fazem escolinha de futebol [...]. Às vezes eles faltam muito, porque às vezes no mesmo horário casa de ter treino de futebol. Ah, tem a menina que está no Rexona, que fazia aqui daí conseguiram uma brecha lá no Rexona [...]. Então, daí eles faltam porque tem outras coisas pra fazer no dia, né? (Julia, IC)

Algumas crianças e adolescentes, por terem de cuidar de irmãos mais novos, chegam atrasados nas aulas ou acabam deixando de ir ao Projeto.

São adolescentes que têm que levar o irmão na creche, por exemplo, depois da escola. E é pra estar no Projeto treze e trinta. De repente o irmão entra quinze pras duas na creche, na escola. Mas a gente daí entende isso e permite que até duas horas eles entrem. (Marta, FAS)

Tem que cuidar do irmãozinho, a mãe pede pra ficar com alguém, né? Com o irmão mais novo e eles acabam ficando. (Isabela, IC)

As obrigações familiares também foram encontradas em Vianna e Lovisolo (2009) enquanto uma barreira para a participação no Projeto por eles estudado.

#### 5.4 SUGESTÕES POR PARTE DOS ENTREVISTADOS

##### Mudanças no espaço físico da praça

Apesar de a praça ser percebida como um local atrativo para as crianças, surgiram algumas sugestões, como por exemplo, o aumento do número de quadras e a criação de salas separadas para o desenvolvimento de atividades nas diferentes turmas.

Mais quadras porque fica limitado o nosso trabalho, porque é pouco espaço para atividades esportivas, né? E salas individualizadas. Esse espaço aberto aqui não favorece em nada. É muita bagunça, muito barulho e atrapalha. Eu acho que reduz em 50% a produtividade que a gente poderia ter se fosse o espaço mais fechado [...] e uma sala de leituras. (Michele, FAS)

### Atendimento de mais crianças

De acordo com os profissionais entrevistados, o fato do EA estar limitado a atender somente crianças cadastradas no PETI, acaba por restringir o envolvimento de outros membros da comunidade. Tanto os profissionais da FAS quanto os do IC sugeriram que o EA deveria expandir o seu atendimento à crianças e adolescentes de toda a comunidade, para que um maior número de menores tenha acesso às oportunidades geradas pelo Projeto.

A maior dificuldade hoje tem sido em preencher as vagas que a gente pode ter. A gente tem uma demanda pequena pra quantidade de vagas, o que torna o professor caro. Então a gente investe no professor pra ter 24 alunos e a gente tem 16 [...]. Como o aluno só pode entrar no PETI, a gente tem dificuldade, porque daí o PETI tem que tá dentro de algumas características. [...] No Esporte em Ação elas vão pro Projeto porque elas estão dentro do PETI. Isso é uma desvantagem, porque tem muita criança que não gostaria de estar ali e é difícil trabalhar com quem não quer estar. Talvez a criança que não esteja no PETI tenha os mesmos problemas da criança que tá no PETI [...] mas não foi cadastrada. (Márcia, IC)

Eu acho o PETI um programa ótimo, mas deveria abranger bem mais. Porque ainda nós temos muitos adolescentes, muitas famílias que não são alcançadas por esses projetos [...]. É um programa muito seletivo. Então você tem que ser quase miserável pra você poder participar. Então eu acho que não. Que os adolescentes e crianças em geral merecem investimentos e não só os que têm baixíssima renda! (Michele, FAS)

Durante o período de nossa coleta de dados, em uma tentativa de resolver este problema, o Instituto Compartilhar começou a convidar crianças da comunidade em geral, além das crianças cadastradas do PETI, para participar de suas atividades. O Instituto tem incentivado as crianças do PETI a chamar um amigo para participar do Projeto. Outra decisão que foi tomada, e que será implementada no próximo ano, é a de que as crianças do PETI poderão optar por fazer, ou não, as

atividades do Instituto Compartilhar. Ou seja, a partir de 2010, as atividades deste Instituto não serão mais obrigatórias.

### Continuidade das ações do Projeto

Garantir a continuidade das ações do Projeto através da integração com outros programas, também apareceu como uma sugestão dos entrevistados. Se houvesse esta integração, as crianças do EA com determinados talentos e aquelas que atingem a idade limite do EA, poderiam ser encaminhadas para outros projetos.

Outro desafio nosso é buscar projetos que pudessem complementar a ação que a gente faz [...]. A gente poderia passar as nossas crianças pra outros projetos. Talvez já projetos mais segmentados. Então ele tem mais habilidade pra coisa cultural, então ele vai pra outro projeto. Mais pra parte esportiva, então talvez ele vá pro clube [...]. A gente não consegue fazer isso com tanta facilidade porque os projetos não são integrados. (Márcia, IC)

### Mais pesquisas sobre o Projeto

Alguns entrevistados mencionaram a importância de se desenvolver mais pesquisas sobre o Projeto no sentido de ajudar a melhorá-lo.

Acho que seria legal era ter mais pessoas como vocês vindo fazer pesquisas [...]. [As pesquisas poderiam] oferecer mais recursos, mais informações. Tem coisas que a gente não tem tempo pra fazer, né? [...]. Poderia vir alguém e fazer o favor de ver esses defeitos e ajudar a contribuir! (Adriana, IC)

Ainda outra sugestão levantada foi a de se acompanhar as crianças no presente e no longo prazo, para conhecer os impactos do Projeto em suas vidas, o que também poderia contribuir para o melhoramento do EA como um todo.

Talvez daqui a 5 anos, se a gente conseguisse acompanhar alguns alunos, saber o que aconteceu deles. Ou seja, percentualmente, de quantos desses alunos que a gente levou até 15 anos chegaram na escola? Quantos desses alunos, hoje, têm uma profissão? E que possam talvez comprovar que aqueles valores, fizeram ela enxergar a vida de outra forma. (Márcia, IC)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais facilitadores para a implementação do EA e participação das crianças no mesmo são: o vínculo afetivo estabelecido entre profissionais e crianças e adolescentes; o gosto dos profissionais pelo trabalho desenvolvido e o senso de identificação que os mesmos têm com o seu trabalho; a percepção do Projeto como um espaço relativamente seguro em relação às ruas e como um espaço de diversão, de educação e de sociabilização das crianças; a bolsa auxílio; a proximidade do Projeto em relação ao local de moradia das crianças; o lanche; o gosto pelo Projeto e as atividades que as crianças mais gostam.

As principais barreiras são: a realidade do dia a dia das crianças e a dimensão dos problemas que elas e suas famílias enfrentam; as disputas de poder entre as gangues que dominam o tráfico de drogas na Vila e os conflitos causados por estas disputas; a falta de experiência por parte dos profissionais em projetos sociais; a rotatividade de profissionais; o número de faltas por parte das crianças; a obrigatoriedade de algumas atividades que as crianças não gostam; o clima frio e chuvoso; e, por fim, a participação em outros projetos e obrigações domésticas.

Alguns fatores aparecem ora como facilitadores e ora como barreiras para a implementação do Projeto e para a participação das crianças no mesmo, dependendo do ponto de vista dos entrevistados: envolvimento (ou falta de envolvimento) dos pais no Projeto; contato (ou falta de contato) entre os profissionais e os pais; comportamento (adequado ou não) das crianças e adolescentes; consistência (ou não) no trabalho desenvolvido pelos diferentes parceiros; estrutura e apoio (ou falta de estrutura e apoio) para o desenvolvimento do trabalho.

Os dados nos levam a concluir que as principais demandas do Projeto são: implementação de um sistema de transporte para as crianças; presença de um pedagogo, um psicólogo e um assistente social no cotidiano do Projeto; planejamento conjunto mais efetivo entre as diferentes instituições envolvidas no Projeto e melhoria nas estratégias de comunicação entre os profissionais; consistência nas ações dos profissionais; criação de salas separadas para o desenvolvimento das atividades das diferentes turmas; desenvolvimento de mais parcerias com diferentes instituições para se garantir a continuidade da formação das crianças.

Uma das limitações da pesquisa desenvolvida foi a de que, dado os limites de tempo para a conclusão do trabalho, entrevistamos apenas os profissionais envolvidos com o Projeto. Faltou a perspectiva das crianças, adolescentes e de seus pais e responsáveis. Faltou também uma revisão de literatura mais aprofundada sobre o tema. Esperamos que no futuro possamos dar continuidade à pesquisa entrevistando também estes agentes e revisitando a literatura relativa à projetos sócio-esportivos. Outra limitação deste estudo é a de que seus resultados não podem ser generalizados, uma vez que analisamos apenas a realidade de um Projeto.

Mais estudos sobre projetos sócio-esportivos são necessários no sentido de se gerar subsídios para o desenvolvimento de estratégias que minimizem as barreiras e potencializem os facilitadores para a implementação dos mesmos e para a participação do(s) público(s) alvo em suas atividades.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Avaliação do Programa Abrindo Espaços na Bahia**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violências nas Escolas, Universidade Católica de Brasília, UNIRIO, 2003.

\_\_\_\_\_. **Fazendo a diferença: Projeto Escola Aberta para a Cidadania no Estado do Rio Grande do Sul**. – Brasília: UNESCO, Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em:  
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001455/145551por.pdf>>. Acesso em: 12/02/2009.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em:  
<[http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/index.htm](http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/index.htm)>. Acesso em: 05/05/2009.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: publicado no Diário Oficial da União em 16 de julho de 1990. Curitiba: Secretaria de Estado da Criança e Assuntos da Família, 1995.

BRETÃS, Angela. Onde mora o perigo? Discutindo uma suposta relação entre ociosidade, pobreza e criminalidade. **Educação, esporte e lazer**. Boletim 09, junho 2007. Disponível em:  
[http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2007/eel/070611\\_educacaoesporte.doc](http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2007/eel/070611_educacaoesporte.doc). Acesso em: 23 abr 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. **A vila olímpica da Verde-e-Rosa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. (Violência, Cultura e Poder)

GUEDES, Simoni Lahud *et al.* Projetos sociais esportivos: notas de pesquisa. 2006. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, XII, 2006, Niterói. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPUH, 2006. p. 92-92. Disponível em:  
<http://www.rj.anpuh.org/Anais/2006/conferencias/Simoni%20LGuedes,%20Julio%20Davies,%20Michelle%20ARodrigues%20e%20Rafael%20MSantos.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2009.

LEÃO, J. A. C. **Considerações sobre o projeto escola aberta: perspectivas para uma agenda de lazer.** 2005. Dissertação (Mestrado). Fundação Joaquim Nabuco: Instituto de Formação e Desenvolvimento Profissional. Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas. Disponível em: <[http://www.campus12.uneb.br/texto/artigos/escola\\_aberta.pdf](http://www.campus12.uneb.br/texto/artigos/escola_aberta.pdf)>. Acesso em: 10/05/2009.

MARQUES, Marta Nascimento. KRUG, Hugo Norberto. As contribuições do Programa Segundo Tempo para os discentes de uma escola estadual de Santa Maria (RS): um estudo de caso fenomenológico. **Revista Digital Ef Deportes**, Buenos Aires, ano 13, no. 124, setembro de 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd124/as-contribuicoes-do-programa-segundo-tempo.htm>. Acesso em: 08 Jun. 2009.

MARTINES, Isabel Cristina. **Projetos esportivos da cidade de Curitiba destinados as crianças e adolescentes em situação de risco social.** 87 f. Monografia (Graduação em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

\_\_\_\_\_. **As relações entre as organizações não governamentais e o governo do estado do Paraná no campo esportivo.** 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; MELO, Marcelo de Paula. Políticas públicas de esportes para juventude na baixada fluminense/RJ: uma discussão introdutória. In: ANPED, 27º, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2004. v. único. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt03/t034.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2009.

MELO, Marcelo Paula de. Lazer, esporte e cidadania: debatendo a nova moda do momento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 105-122, maio/agosto 2004. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewFile/2836/1449>. Acesso em: 02/julho/2009.

\_\_\_\_\_. **Esporte e juventude pobre: políticas públicas de lazer na Vila Olímpica da Maré.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção educação física e esportes)

\_\_\_\_\_. Esporte social futebol clube: contradições e dilemas em nosso tempo. **Democracia Viva**, n. 32, p. 54-58, jun 2007. Especial Pan 2007. Disponível em: [http://www.ibase.br/userimages/dv35\\_pan5.pdf](http://www.ibase.br/userimages/dv35_pan5.pdf). Acesso em: 23 abr 2009.

MENDES, Valdelaine da Rosa *et al.* **Como os pais percebem a participação dos filhos no Programa Segundo Tempo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XV, Pernambuco. **Anais...** Recife: CBCE, 2007. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/265.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2009.

MEZZAROBBA, Cristiano. O esporte nos projetos sociais: reflexões através das contribuições de Norbert Elias. In: **Lecturas Educación Física y Deportes**. Buenos Aires. Ano 13. 2008. p. 124

MOLINA, Rosane Kreuzburg. Políticas de esporte e projetos sociais: impactos nos processos de subjetivação dos jovens. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XV, Pernambuco. **Anais...** Recife: CBCE, 2007. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/278.pdf>. Acesso em: 23 abr 2009.

RIBEIRO, Carlos Henrique de Vasconcellos. **Mais do que pendurar as chuteiras: Projetos sociais de ex-jogadores de futebol famosos**. 204 f. Tese (Pós-graduação em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, M. R. da; SILVEIRA, J.; AVILA A. B. **Políticas públicas para o esporte: cidadania e inclusão social**. 2007 (no prelo).

SILVEIRA, Juliano. **Desenvolvimento humano, responsabilidade social e educação no capitalismo: investigando o programa “Educação Pelo Esporte” do Instituto Ayrton Senna**. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <http://tede.ufsc.br/teses/PGEF0153.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2009.

THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. Uma alternativa metodológica para a análise dos projetos sociais esportivos. 2006. In: ENAREL, XVIII, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2006.

THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha; STIGGER, Marco Paulo. **Super-oferta de projetos sociais esportivos: superando as imagens públicas idealizadas sobre essas ações**. In: SEMINÁRIO NACIONAL POLÍTICA & SOCIOLOGIA UFPR 2009, 1, 2009, Curitiba, **Anais...** Curitiba: UFPR, 2009. ISSN: 2175-6890 (CD-Rom)

VARGAS, Leandro Silva. **Esporte, interação e inclusão social: um estudo etnográfico do "Projeto Esporte Clube Cidadão"**. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007. Disponível em: [http://bdtd.unisinos.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=434](http://bdtd.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=434). Acesso em: 23 abr. 2009.

VIALICH, A. L. **Barreiras e facilitadores para a participação de crianças e adolescentes no Programa Comunidade Escola**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. Relatório de Pesquisa IC-CNPq.

VIANNA, José Antonio. LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre a avaliação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 145-162, julho/setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/5190/5583>>. Acesso em: 23 set. 2009.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Escuta, 1994.

**ANEXOS**

**Anexo 1. Roteiro de entrevista com coordenador responsável do Instituto Compartilhar pelo projeto “Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres”.**

- Você poderia me dizer o seu nome completo?
- Qual a sua formação?
- Há quanto tempo você trabalha aqui no Instituto Compartilhar?
  - Como que se deu seu ingresso no Instituto Compartilhar?
- Quais as suas atividades e responsabilidades aqui no Instituto Compartilhar?
  - Quais os principais objetivos deste Instituto?
- Como que surgiu o projeto Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres?
  - Como o projeto está organizado em termos administrativo? Quantos profissionais? Que tipo de profissionais trabalham no mesmo?
  - Que tipo de parcerias vocês desenvolveram para o desenvolvimento do projeto? Como se dão estas parcerias? Como é o contato entre os parceiros?
  - Quais os principais objetivos deste projeto?
  - Como é feita a seleção para os professores do EA?
  - Que tipo de apoio e orientações vocês dão para os profissionais do mesmo?
- Em sua opinião, qual a importância deste projeto na vida das crianças? E na vida de seus responsáveis?
- Você tem alguma idéia do que as crianças pensam do projeto?
  - Você tem alguma idéia de tipo de significados elas atribuem à participação delas no projeto? Você acha que elas vêm aqui neste projeto em específico por quê?
- Vocês têm algum tipo de contato com os pais das crianças? Se positivo, em que circunstâncias?
  - Você sabe se os pais incentivam ou dificultam a participação das crianças no projeto? Por quê?
  - Você tem alguma idéia sobre o que os pais pensam sobre a participação das crianças no projeto?
- Em sua opinião, o que estimula a participação das crianças no Projeto Esporte em Ação?
  - Você acha que elas são atraídas por alguma atividade específica?
- Em sua opinião, tem alguma coisa que você acha que desestimula a participação das crianças nas atividades desenvolvidas?
- O que mais lhe agrada em desenvolver este projeto? Por quê?
- Tem alguma coisa que não te agrada no desenvolvimento do mesmo? Por quê?
- Quais são as maiores barreiras para o desenvolvimento deste projeto? Por quê?
- Quais são os maiores facilitadores para o desenvolvimento deste projeto? Por quê?
- O que você acha que poderia ser feito para facilitar/melhorar a participação das crianças no projeto?
- Em sua opinião o que poderia ser feito para melhorar o projeto como um todo?

## **Anexo 2. Roteiro de entrevista com profissionais do Instituto Compartilhar que trabalham no projeto “Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres”.**

- Você poderia me dizer o seu nome completo?
- Qual a sua formação?
- Há quanto tempo você trabalha aqui na praça?
  - Como que se deu seu ingresso no Instituto Compartilhar e mais especificamente aqui na praça?
- Quais as atividades que você desenvolve aqui na praça?
  - Com que turmas você trabalha
  - Quais os principais objetivos das atividades que você desenvolve?
  - Que tipo de orientações vocês recebem do Instituto para a realização das atividades e trato com as crianças?
- Você poderia me dizer quais são os objetivos do trabalho que o Instituto Compartilhar desenvolve aqui na praça?
- Você poderia me descrever como é o dia a dia do projeto?
- O que mais lhe agrada em trabalhar neste projeto? Por quê?
- O que menos lhe agrada? Por quê?
- Em sua opinião, o que estimula a participação das crianças no Projeto Esporte em Ação?
  - Você acha que elas são atraídas para cá por alguma atividade específica?
- Em sua opinião, qual a importância das atividades que o Instituto desenvolve para as crianças?
- Você tem alguma idéia do que as crianças pensam do projeto?
  - Você tem alguma idéia de tipo de significados elas atribuem à participação delas no projeto? Você acha que elas vêm aqui neste projeto em específico por quê?
- Quais as atividades que as crianças mais gostam do projeto? Por quê?
- Quais as atividades que elas menos gostam? Por quê?
- Vocês têm algum tipo de contato com os pais das crianças? Se positivo, em que circunstâncias?
- Você sabe se os pais incentivam ou dificultam a participação das crianças no projeto? Por quê?
- Você tem alguma idéia sobre o que os pais pensam sobre a participação das crianças no projeto? Qual a importância do projeto para os mesmos?
- Em sua opinião, o que dificulta a vinda das crianças no PETI/Projeto Esporte em Ação?
  - Elas faltam bastante? Você sabe por quê?
- Você tem observado se as crianças têm adotado algum tipo de estratégia para enfrentar estas dificuldades? Se positivo, qual (is)?
  - O que você acha que desestimula a participação das crianças nas atividades desenvolvidas?
  - Você teria sugestões para melhorar a participação das crianças no projeto?
  - Em sua opinião o que poderia ser feito para melhorar o projeto como um todo?

**Anexo 3. Roteiro de entrevista com educadora responsável pela praça onde ocorre o projeto “Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres”.**

- Você poderia me dizer seu nome completo?
- Há quanto tempo você trabalha aqui na praça?
- Como que se deu o seu ingresso na praça?
- Que tipo de atividades acontece aqui na praça?
- Quais as ações que a FAS desenvolve na praça?
- Quais os principais objetivos destas ações?
- Há alguma outra atividade desenvolvida na praça que não são feitas nem pela FAS, nem pela SMEL e nem pelo Instituto? (CONSAI?)
- No que consiste exatamente o EA? Quais têm sido as ações do Instituto Compartilhar na praça? No que este Instituto tem contribuído?
- A FAS, a SMEL e o COMPARTILHAR fazem algum tipo de planejamento de atividades juntos? Como são tomadas as decisões em relação às atividades desenvolvidas na praça?
- Você poderia me descrever qual a rotina das atividades desenvolvidas para as crianças do PETI aqui na praça?
- De que forma as crianças ingressam no projeto?
- Quais os requisitos para que elas participem e permaneçam no projeto?
- Dentre as diferentes opções que as famílias/crianças do programa PETI possuem, por que você acha que elas optam pelas atividades desenvolvidas aqui na praça?
- Você acha que elas são atraídas para cá por alguma razão/atividade em específico?
- Quantas crianças participam hoje do projeto?
  - Como são divididas as crianças?
  - Você percebe alguma diferença no perfil das crianças que freqüentam o projeto de manhã e de tarde?
- As crianças escolhem as atividades do projeto? De que forma? Existem critérios para esta escolha? Estas escolhas valem por quanto tempo?
- Em sua opinião, qual a importância das atividades desenvolvidas na praça para a vida das crianças?
- Em sua opinião, qual a importância das atividades desenvolvidas pelo EA na vida das crianças?
- Você tem alguma idéia do que as crianças pensam da participação delas nas atividades aqui na praça? Você acha que elas gostam? Por quê?
  - Você tem alguma idéia de tipo de significados elas atribuem à participação delas no projeto? Ex. você acha que elas vêm aqui neste projeto em específico por quê?
- Quais as atividades que as crianças mais gostam do projeto? Por quê?
- Quais as atividades que elas menos gostam? Por quê?
- Que tipo de contato vocês têm com os pais das crianças? Em que circunstâncias se dão estes contatos? (ex. reuniões, visitas, etc.) Com que freqüência? Quais as principais dificuldades que vocês encontram para dialogar com os pais?

- Você sabe se os pais incentivam ou dificultam a participação das crianças no projeto? Por quê?
- Você tem alguma idéia sobre o que os pais pensam sobre a participação das crianças no projeto? Qual a importância do projeto para os mesmos?
- Os pais possuem alguma obrigação em relação ao projeto?
- Em sua opinião, o que dificulta a vinda das crianças para participar das atividades aqui na praça?
  - Elas faltam bastante? Quais são os principais motivos para estas faltas?
- Você tem observado se as crianças têm adotado algum tipo de estratégia para enfrentar estas dificuldades? Se positivo, qual (is)?
- O que você acha que desestimula a participação das crianças nas atividades desenvolvidas?
- Você teria sugestões para melhorar a participação das crianças no projeto?
- Em sua opinião o que poderia ser feito para melhorar o projeto como um todo?

**Anexo 4. Roteiro de entrevista com profissionais da FAS que trabalham no projeto “Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres”.**

- Você poderia me dizer o seu nome completo?
- Qual a sua formação?
- Há quanto tempo você trabalha aqui na praça?
  - Como que se deu seu ingresso aqui neste trabalho?
- Quais as suas atividades e responsabilidades aqui na praça?
  - Quais os principais objetivos do seu trabalho aqui na praça?
  - Você poderia me descrever como é o dia a dia do seu trabalho aqui na praça?
  - O que mais lhe agrada em trabalhar neste projeto? Por quê?
  - O que menos lhe agrada? Por quê?
- Em sua opinião, o que estimula a participação das crianças do PETI nas atividades desenvolvidas aqui na praça considerando-se que elas poderiam se engajar em outros projetos que não necessariamente este?
  - Você acha que elas são atraídas para cá por alguma atividade específica?
- Em sua opinião, qual a importância da participação das crianças nas atividades desenvolvidas aqui na praça?
- Em sua opinião, qual a importância da participação das crianças nas atividades desenvolvidas no EA?
- Você tem alguma idéia do que as crianças pensam do projeto?
  - Você tem alguma idéia de que tipo de significados elas atribuem à participação delas no projeto? Você acha que ela vem aqui neste projeto em específico por quê?
- Quais as atividades que as crianças mais gostam do projeto?
- Quais as atividades que elas menos gostam?
- Que tipo de contato vocês têm com os pais das crianças? (Encontros na FAS? Visitas domiciliares? Outros?)
- Você sabe se os pais incentivam ou dificultam a participação das crianças no projeto? Por quê?
- Você tem alguma idéia sobre o que os pais pensam sobre a participação das crianças no projeto? Qual a importância do projeto para os pais das crianças?
- Em sua opinião, o que dificulta a vinda das crianças no PETI/Projeto Esporte em Ação?
  - Elas faltam bastante? Você sabe por quê?
- Você tem observado se as crianças têm adotado algum tipo de estratégia para enfrentar estas dificuldades? Se positivo, qual (is)?
- Você teria sugestões para melhorar a participação das crianças no projeto?
- Em sua opinião o que poderia ser feito para melhorar o projeto como um todo?

## **Anexo 5. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o coordenador geral do projeto “Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres”.**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Vimos por meio desta solicitar autorização para a realização de uma pesquisa intitulada “Determinantes para a participação da comunidade em atividades físicas e desportivas em projetos sociais”. O objetivo desta pesquisa é o de levantar os principais facilitadores e as principais barreiras para a participação da comunidade em programas de atividade física desenvolvidos em projetos sociais.

Estaremos investigando esta questão em outros projetos sociais na cidade de Curitiba. Selecionamos o projeto “Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres” para ser um dos projetos por nós pesquisados por acreditarmos que a experiência adquirida pelos agentes deste projeto—coordenadores, profissionais, estagiários, voluntários e participantes—pode contribuir de forma significativa para o avanço nesta área de conhecimento, ainda pouco explorada na literatura. Esta experiência pode gerar também elementos que podem contribuir para com o desenvolvimento de políticas públicas mais efetivas no sentido de atender as demandas das comunidades e para promover uma participação mais efetiva das mesmas em programas de atividade física em projetos sociais. Portanto, a sua permissão para a realização deste estudo é fundamental.

Caso o(a) senhor(a) concorde com a realização da pesquisa, será necessário que autorize os coordenadores locais do projeto e demais participantes do mesmo a participarem. O envolvimento dos mesmos no estudo, no entanto, deverá ser voluntária. Se eles não quiserem participar, eles não deverão ser obrigados a tomar parte da pesquisa.

Caso o/a senhor(a) concorde com a realização do estudo, precisaremos entrevistá-lo(a). Durante esta entrevista lhe perguntaremos questões relativas aos determinantes da participação da comunidade no projeto que coordena. Ou seja, lhe perguntaremos sobre o que parece estimular e o que parece dificultar a participação da comunidade no projeto. A entrevista será realizada em local e horário de sua preferência e durará em torno de uma hora. Caso necessário, agendaremos outra entrevista para esclarecer pontos da primeira entrevista—ou entrevistas com outros participantes do programa—que eventualmente precisem ser esclarecidos. Todas as entrevistas feitas durante a pesquisa serão gravadas. Respeitaremos, no entanto, o anonimato dos entrevistados. Tão logo a pesquisa termine, as gravações serão destruídas.

Caso o/a senhor(a) concorde com a realização do estudo, precisaremos também realizar algumas observações durante o desenvolvimento das atividades com as crianças, com o objetivo de melhor entendermos o projeto e algumas das questões discutidas nas entrevistas. Na medida em que realizarmos as nossas observações, buscaremos, o máximo possível, minimizar qualquer tipo de interferência que a nossa presença possa eventualmente vir a exercer no andamento das atividades.

As informações coletadas durante o estudo serão analisadas pela equipe de pesquisa. No entanto, a equipe tomará os devidos cuidados para que os nomes reais dos participantes não sejam divulgados. Quando os resultados forem publicados em forma de relatório ou artigos, não aparecerá seu nome ou o nome de

nenhum dos participantes da pesquisa. O relatório e outras publicações utilizarão nomes fictícios para que os nomes reais sejam mantidos em sigilo.

O/A senhor(a) não terá qualquer despesa com a sua participação na pesquisa e também não receberá qualquer benefício financeiro por participar da mesma.

A pesquisadora responsável pelo projeto, professora Doutora Doralice Lange de Souza pode ser contatada no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná todos os dias da semana, das 07h30min às 12h00min e das 13h30min às 17h30min, no seguinte endereço: Rua Coração de Maria, 92, BR 116, KM 95. Os telefones para contato são: 3360-4325 e 9911-8714. A pesquisadora se coloca a sua disposição para esclarecer eventuais dúvidas a respeito desta pesquisa. O/A senhor(a) terá acesso a todas as informações que queira sobre a pesquisa, antes e depois do estudo.

A sua autorização para a investigação dos facilitadores e barreiras para a participação da comunidade nas práticas de atividade física do projeto “Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres” e para a sua participação pessoal no estudo é voluntária. Caso durante algum momento da pesquisa queira desistir de sua participação, o(a) senhor(a) poderá solicitar de volta termo de consentimento livre esclarecido assinado e se retirar do estudo sem precisar justificar a sua decisão.

Eu, \_\_\_\_\_ li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo. Entendi que sou livre para autorizar ou não a realização do estudo no projeto “Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres” e para participar ou não pessoalmente no estudo. Entendi também que sou livre para interromper a investigação do projeto e para encerrar a minha própria participação no estudo a qualquer momento, sem precisar justificar minha decisão.

Eu autorizo a realização da pesquisa no projeto “Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres” e concordo em ser entrevistado para o estudo.

Assinatura do coordenador geral do projeto

---

(identificação)

Local e data

Assinatura da pesquisadora responsável pelo projeto

---

Doralice Lange de Souza

Local e data

## **Anexo 6. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para profissionais do projeto “Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres”.**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Vimos por meio desta solicitar a sua participação em uma pesquisa intitulada “Determinantes para a participação da comunidade em atividades físicas e desportivas em projetos sociais”. O objetivo desta pesquisa é o de investigar o que incentiva e o que dificulta a participação da comunidade em programas de atividade física desenvolvidos em projetos sociais.

Estaremos investigando esta questão em diferentes projetos sociais na cidade de Curitiba. Selecionamos o projeto “Esporte em Ação – Núcleo Vila Torres” para ser um dos projetos por nós pesquisados por acreditarmos que a experiência adquirida pelos agentes deste projeto – coordenadores, profissionais, estagiários, voluntários e participantes – pode contribuir de forma significativa para o avanço nesta área de conhecimento, ainda pouco explorada na literatura. Esta experiência pode gerar também elementos que podem contribuir para com o desenvolvimento de políticas públicas mais efetivas no sentido de atender as demandas das comunidades e para promover uma participação mais efetiva das mesmas em programas de atividade física em projetos sociais. Portanto, a sua participação no estudo é fundamental.

Caso você concorde em participar da pesquisa precisaremos entrevistá-lo(a). Nesta entrevista lhe perguntaremos questões relativas aos determinantes da participação da comunidade nos programas de atividade física ofertados pelo projeto. Ou seja, lhe perguntaremos o que parece facilitar e o que parece dificultar a participação da comunidade nas atividades corporais oferecidas pelo projeto. A entrevista será realizada em local e horário de sua preferência e durará em torno de uma hora. Caso necessário, agendaremos outra entrevista para esclarecer pontos da primeira entrevista—ou de entrevistas com outros participantes do programa—que eventualmente precisem ser esclarecidos.

Caso você concorde com a realização do estudo, precisaremos também realizar algumas observações durante o desenvolvimento das atividades com as crianças, com o objetivo de melhor entendermos o projeto e algumas das questões discutidas nas entrevistas. Na medida em que realizarmos as nossas observações, buscaremos, o máximo possível, minimizar qualquer tipo de interferência que a nossa presença possa eventualmente vir a exercer no andamento das atividades.

As entrevistas serão gravadas e tão logo a pesquisa termine, as gravações serão destruídas. As informações coletadas durante o estudo serão analisadas pela equipe de pesquisa. No entanto, a equipe tomará os devidos cuidados para que os nomes reais dos participantes não sejam divulgados. Quando os resultados forem publicados em forma de relatório ou artigos, não aparecerá seu nome ou o nome de nenhum dos participantes da pesquisa. O relatório e outras publicações utilizarão nomes fictícios para que os nomes reais sejam mantidos em sigilo.

Você não terá qualquer despesa com a sua participação na pesquisa e também não receberá qualquer benefício financeiro por participar da mesma.

A pesquisadora responsável pelo projeto, professora Doutora Doralice Lange de Souza pode ser contatada no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná todos os dias da semana, das 07h30min às 12h00min e das 13h30min às 17h30min, no seguinte endereço: Rua Coração de Maria, 92, BR 116, KM 95. Os telefones para contato são: 3360-4325 e 9911-8714. A pesquisadora se

coloca a sua disposição para esclarecer eventuais dúvidas a respeito desta pesquisa. Você terá acesso a todas as informações que queira sobre a pesquisa, antes e depois do estudo.

A sua autorização para participação no estudo é voluntária. Caso durante algum momento da pesquisa queira desistir de sua participação, você poderá solicitar de volta termo de consentimento livre esclarecido assinado e se retirar do estudo.

Eu, \_\_\_\_\_ li o texto acima e compreendi a natureza e objetivo do estudo. Entendi que sou livre para participar ou não do estudo e para interromper a minha participação na pesquisa a qualquer momento, sem precisar justificar minha decisão.

Eu concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do profissional

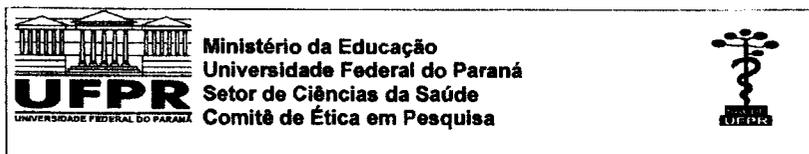
---

(identificação)  
Local e data  
Assinatura da pesquisadora responsável pelo projeto

---

Doralice Lange de Souza  
Local e data

## Anexo 7. Carta de Aceite do Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná



Curitiba, 20 de maio de 2009.

Ilmo (a) Sr. (a)  
**Doralice Lange de Souza**

**Nesta**

Prezado (a) Pesquisador (a),

Comunicamos que o Projeto de Pesquisa intitulado “**Determinantes para a participação da comunidade em atividades físicas e desportivas em projetos sociais**”, está de acordo com as normas éticas estabelecidas pela Resolução CNS 196/96, foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR, em reunião realizada no dia 20 de maio de 2009.

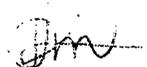
Registro CEP/SD:697.032.09.05

CAAE:0012.0.091.000-09

Conforme a Resolução CNS 196/96, solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos.

**Data para entrega do relatório final ou parcial: 20/11/2009.**

Atenciosamente



**Prof. Dra. Liliana Maria Labronici**  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

Prof. Dra. Liliana Maria Labronici  
Coordenador do Comitê de Ética  
em Pesquisa - SD/UFPR

Rua Padre Camargo, 280 – Alto da Glória – Curitiba-Pr. – CEP:80060-240  
Fone/fax: 41-360-7259 – e-mail: cometica.saude@ufpr.br